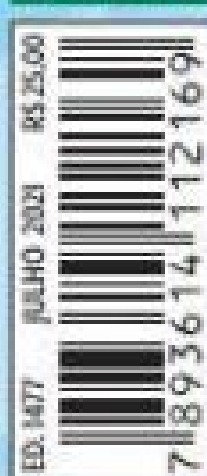
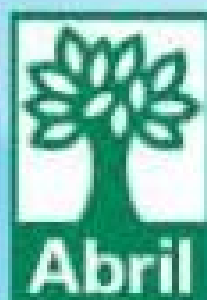
CRISTIANO RONALDO
ELE É O MELHOR JOGADOR EUROPEU DE TODOS OS TEMPOS?

FORZA AZZURRA!
O RENASCIMENTO DA ITÁLIA DE ROBERTO MANCINI

MESSI
O MARACANAZO PARTICULAR DO GÊNIO ARGENTINO

PLACAR

Abril
ED. 1477 JULHO 2021 R$ 25,00
7 893614 112169

ESPECIAL

FORMIGA & CLAUDINHO

O SONHO DO OURO

A VETERANA MEIO-CAMPISTA DO SÃO PAULO E O JOVEM MEIA DO RED BULL BRAGANTINO LIDERAM A CANARINHO NA OLIMPÍADA DE TÓQUIO

"Para esclarecer suas dúvidas e despertar sua curiosidade."

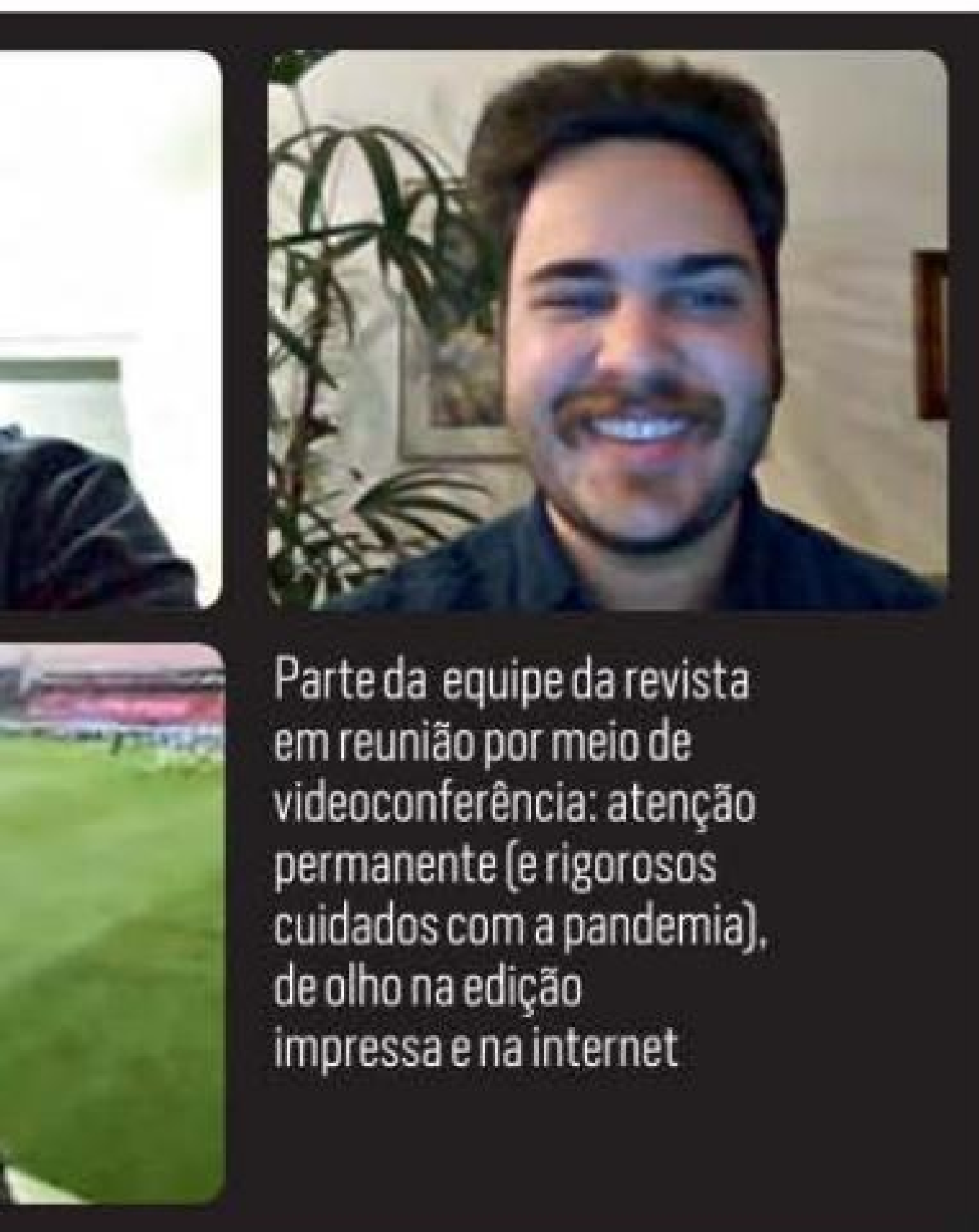
Para assistir agora, aponte a câmera do seu celular para o código ao lado.

QUEM SE DESLOCA RECEBE

A redação de PLACAR gosta de decidir os jogos nos acréscimos. A edição que você tem em mãos foi enviada para a gráfica na segunda-feira 12 de julho, logo depois das finais da Copa América de Neymar e Messi, em um Brasil com mais de 530 000 mortes em decorrência da pandemia, e da Eurocopa da Inglaterra e Itália, em estádios perigosamente cheios, mas seguindo os protocolos de testagem e vacinação. Os dois torneios, um muito mais melancólico do que o outro, de algum modo mostraram em que ponto de controle do vírus estamos em comparação com a Europa. Quis o Sobrenatural de Almeida, o personagem criado pela mente genial de Nelson Rodrigues, que a disputa pelo troféu no Maracanã vazio reunisse um dos maiores clássicos do futebol mundial, mais histórico e pegado do que qualquer confronto entre ingleses e italianos. Salve, portanto, a beleza do esporte.

Para contar tudo isso, os jornalistas de PLACAR fizeram questão de empurrar um pouquinho o "fechamento" — o jargão para definir o momento em que uma publicação é concluída. E, claro, como acontece em tempos de redes sociais, com atenção permanente, 24 horas por dia, no Instagram, no Twitter e no Facebook, além do site, a turma jogou nas onze. Enquanto uns tratavam de pôr na internet os resultados e análises das partidas, outros ficaram de olho nos ruidosos bastidores da CBF. No sábado 12 de junho, no exato segundo em que Christian Eriksen caiu no gramado, em uma imagem comovente e impressionante, nossos leitores souberam da notícia e suas repercussões — e nos dias seguintes acompanharam a evolução da saúde do dinamarquês,

Claudinho e Formiga, entrevistados por Zoom: alegria de estar em nossa capa olímpica

CAPA: HUGO DELGADO/EFE; ANDY RAIN/EFE; ALEXANDRE BATTIBUGLI; MONTAGEM COM FOTOS DE RICARDO NOGUEIRA/CBF; ARI FERREIRA/CBF E DANIELA PORCELLI/CBF

Parte da equipe da revista em reunião por meio de videoconferência: atenção permanente (e rigorosos cuidados com a pandemia), de olho na edição impressa e na internet

que tivera uma parada cardíaca. Quando o COB divulgou a numeração dos atletas da seleção masculina para a Olimpíada, e ao meia Claudinho coube a 20, e não a 10, corremos para mudar a foto de capa.

Com velocidade, em sucessivos encontros virtuais, como manda o figurino da lida contra o novo coronavírus, nossos profissionais não param, ligados nos 220 volts. E nos entusiasma saber, como revelaram Claudinho e Formiga ao repórter Alexandre Senechal, em entrevistas exclusivas feitas por Zoom, que ser personagens de capa da mais longeva revista de futebol do Brasil os emociona. PLACAR, enfim, segue a máxima do treinador e filósofo da bola Gentil Cardoso: "Quem se desloca recebe, quem pede tem preferência". ■

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

veja.abril.com.br/placar

 placar@abril.com.br

ÍNDICE

BERNADETT SZABO/AFP

O marrento atacante português: o melhor de todos na estatística

VICTOR CIVITA (1907-1990)

ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond, Luca Castilho e Ricardo Garrido (reportagem)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento, Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços, Regionais e Governo). **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux Martinelli **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO** Carlos Nogueira **GERÊNCIA DE MARKETING** Thais Rodrigues Rocha **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO E VÍDEO** João Pedro Maya **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Pandia Mendes de França

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR ' 477 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito à disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

VAI-SE UM PEDAÇO DE HISTÓRIA

Sim, a cena é melancólica para quem cresceu vendo futebol das arquibancadas íngremes do Tobogã, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Mas não é o caso de citar o poeta e lembrar da grana que ergue e destrói coisas belas. Erguido em 1970, durante a gestão do prefeito Paulo Maluf, aquele pedaço de concreto era muito feio e inseguro. Ao ser construído, apenas para aumentar a capacidade, deixou para trás a clássica Concha Acústica, dos anos 1940. Ali, agora, será erguido um centro para convenções e shows. O que dói mesmo é saber que a bola demorará a rolar em gramado de tanta história.

FILIPE ARAUJO/FOTOS PÚBLICAS

CORES CONTRA A HOMOFOBIA

Para a partida entre Alemanha e Hungria, em Munique, a federação local pediu à Uefa autorização para projetar no Allianz Arena as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+. Era um gesto de repúdio à homofobia. Os cartolas disseram não. Temiam ofender o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, que segue a cartilha da extrema direita e fez com que fosse aprovada recentemente uma lei contra os homossexuais. A torcida não quis nem saber e promoveu nos arredores da arena um belo Carnaval fora de época.

LUKAS BARTH-TUTTAS/EPA/EFE

UEFA EURO 2020
LONDON
JUST EAT
JUST EAT

AJOELHADOS, MAS ERGUIDOS

Os jogadores das seleções da Inglaterra e da Alemanha ficaram de joelhos antes da partida em Wembley, pelas oitavas da Euro. Agachados, portanto, como manda a nova postura dos movimentos contra o racismo. Até o juiz decidiu abaixar. A moldurar o gesto contra o preconceito, ao contrário do que se viu na Rússia, houve palmas de bom senso e respeito. Os ingleses ganharam por 2 a 0. É o futebol como espelho da sociedade, nunca antes como agora. Que bom.

JOHN SIBLEY/AFP

O GOL QUE PELÉ NÃO FEZ

Dá pena ver o goleiro escocês David Marshall enredado no fundo de sua meta. Foi o desfecho de um gol histórico, o do checo Patrik Schick, o segundo da vitória contra a Escócia na Euro. A 50 metros de distância, a pouco mais de 1 metro da linha de meio de campo, ele percebeu o arqueiro adiantado e mandou um chutaço. Lembrou um dos quase gols mais celebrados de todos os tempos, o de Pelé em 1970, justamente contra a então Checoslováquia. Demorou, mas saiu lindamente. O Rei assinaria.

ANDY BUCHANAN/AFP

O PRIMEIRO ATO DE CLAUDIN

HO

Com convocação inédita, em maio, ele logo ganhou o clássico número dos armadores de antigamente: estilo em falta no futebol nacional

RICARDO NOGUEIRA/CBF

Ele foi eleito craque, melhor meia e revelação do Brasileirão de 2020, torneio do qual foi também o artilheiro. Na fase de preparação para os Jogos vestiu a camisa 10 — em Tóquio, vai com a 20, como se fosse a celebração da arte de se duplicar em campo

Alexandre Senechal e Luca Castilho

"Quem diria que um menino nascido numa comunidade de Guarulhos pudesse ser capa de PLACAR? Muito obrigado, de verdade." Nós é que agradecemos, Claudinho. No país que ainda revela craques a rodo — quase todos vendidos cada vez mais jovens para o exterior —, é surpreendente, contudo, descobrir um talento com mais de 20 anos e, ao mesmo tempo, uma maravilhosa notícia, vê-lo jogar com a camisa 10 do Red Bull Bragantino e, agora, pela primeira vez, vestindo a amarelinha da seleção.

Cláudio Luiz Rodrigues Parisi Leonel nasceu em Guarulhos, na Grande São Paulo, em 28 de janeiro de 1997. Com apenas 6 anos já estava treinando no Santos. Se profissionalizou aos 18, pelo Corinthians, mas passou quatro temporadas atuando por times de menor expressão até estourar no Brasileirão de 2020. Comandante do time de Bragança Paulista, foi o artilheiro do campeonato, com dezoito gols (ao lado de Luciano, do São Paulo), e na eleição promovida pela CBF com jogadores, técnicos, jornalistas e ex-jogadores levou para casa os troféus de craque do torneio, melhor meia e revelação. Foi a primeira vez que um atleta venceu em quatro categorias.

Agora, em 2021, ele estreia pela seleção brasileira e, de cara, com a camisa 20 canarinho, é uma das esperanças na campanha pelo bicampeonato olímpico nos Jogos de Tóquio, no Japão. Levar a 20 é quase uma homenagem involuntária à capacidade dele de se duplicar em campo. A 10 será de Richarlyson. "Quando um jogador começa a

se destacar ainda muito novo, acha que será o novo Neymar, o novo Robinho, vai explodir com 16 anos. Não é bem assim", reflete Claudinho. Ao se apresentar ao técnico André Jardine, o meia havia ajudado a conduzir o Bragantino à liderança do Brasileirão 2021. Com 21 pontos em dez jogos, era o único invicto: seis vitórias e quatro empates, incluindo triunfos sobre o bicampeão Flamengo e o Palmeiras, vencedor da Copa do Brasil e da Libertadores — apontados como favoritos ao título.

De fato, até começar a brilhar, em 2019, Claudinho chegou a duvidar do próprio futuro. Rodou por clubes do interior de São Paulo (o próprio Bragantino, antes de se associar à marca de bebidas, Santo André, Ponte Preta, Red Bull Brasil e Oeste), sem conseguir entregar o futebol que prometia desde muito pequeno. "Minha mãe me pegou chorando, eu tinha medo de não conseguir realizar meu sonho", relembra. "Mas ela me disse que eu ainda iria vestir a camisa da seleção."

Como explicar essa demora em deixar o talento aflorar? Treinadores que trabalharam com ele desde as categorias de base garantem que apostavam nesse final feliz. "Eu já sentia algo diferente na Vila Belmiro", conta Clodoaldo, volante da seleção brasileira campeã da Copa de 1970, que foi da diretoria do alvinegro praiano até 2017 e conheceu o menino quando ainda dava os primeiros passos no Santos. "O Claudinho é um meia que não se encontra muito hoje no mercado, um meia-atacante, que pisa na área. Ele não é só um meia articulador, que não chega para arrematar, tem também o drible e a finalização, é multifacetado", diz Toninho Cecílio, técnico do Santo André em 2017. "Sempre digo que ele é nota 8 em várias habilidades. Não é nota 10 em uma e nota 5 em outra. Tem qualidades interessantes que são difíceis de encontrar em um jogador só."

PONTE PRETA

PEDRO ERNESTO GUERRA AZEVEDO

Revelado pelo Santos *(ao lado)* e promovido aos profissionais por Tite, no Corinthians *(abaixo)*, Claudinho passou alguns anos em clubes do interior paulista, como a Ponte Preta *(acima)*: "A pecha de jogador de time pequeno me atrapalhou", reconhece ele

MAURO HORITA/AGIF/AFP

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Antônio Carlos Zago reconhece que, “por ser uma promessa que não tinha conseguido vingar, Claudinho sofria um tanto”. Os dois se encontraram no Bragantino em 2019 e o técnico teve papel decisivo. Além de lhe dar confiança, garantiu ao craque mais liberdade dentro de campo. “Tentei fazê-lo sentir-se importante para o grupo, não só para si mesmo”, explica Zago.

Menino franzino e habilidoso, jogava na rua e, com apenas 4 anos de idade, foi visto driblando garotos mais velhos pelo responsável por um projeto social em São Vicente, na Baixada Santista. Convenceu dona Lúcia, a mãe, a escalar Claudinho no time. Quando a equipe fez um amistoso contra o Santos, ele se destacou e acabou convidado para ingressar no clube. “Chegou pequenininho, muito magro, e ganhou o apelido de Biscuit *(a massinha de modelar)*”, lembra Fabricio Monte, treinador da base santista. “Já tratava a bola de um jeito diferente.”

O pai, Rodrigo, emendava trabalhos e bicos para poder levar comida para casa. Lúcia passou a trabalhar como empregada doméstica para pagar as passagens de ônibus até os treinos. Quando o

Consagração: pelo Bragantino *(à dir.)*, o único a ganhar quatro prêmios (revelação, melhor meia, craque e artilheiro) da CBF

ARI FERREIRA/RED BULL BRAGANTINO

menino tinha 8 ou 9 anos, Alemão, assessor da presidência do Santos, arranjou um auxílio de 100 reais por mês. "Muitos queriam ajudar", diz Fabrício Monte, um dos primeiros treinadores do jogador. "Conseguimos dentista, ele ganhou bolsa integral no colégio do Marcelo Teixeira, presidente na época, e começou a se desenvolver."

A presença da família foi decisiva para que Claudinho não se visse forçado a abandonar a carreira na adolescência. "Quando a gente é da periferia, a vida te proporciona poucas coisas. Quem não tem muita cabeça acaba indo para o lado errado, como aconteceu com a maioria dos meus amigos", ressalta o jogador. Gilson Kleina, que o treinou na Ponte Preta em 2017, lembra que o pai era figura constante antes, durante e depois dos jogos — sempre pedindo conselhos para instruir o filho e ajudá-lo a evoluir dentro e fora de campo.

As dificuldades da infância ajudaram a forjar o jovem de personalidade forte. Em 2014, ele era o camisa 10 do Santos no Paulistão Sub-17. O Palmeiras de Gabriel Jesus, artilheiro daquele torneio com 37 gols, só precisava de um empate na Vila Belmiro para ficar com o título e saiu na frente com um gol do hoje atacante do Manchester City. "O Claudinho veio até o banco, com a bola debaixo do braço, e falou: 'Professor, fica tranquilo que este título é nosso, mas não mexe no time agora'", afirma Aarão Alves, técnico daquela equipe. A virada por 2 a 1 garantiu a taça.

Alves lembra outra história divertida: quando o meia levanta a sobrancelha é porque está insatisfeito com algo. "Ele foi o primeiro a decifrar isso em mim", conforma-se Claudinho. "Ele dizia: 'Abaixa essa sobrancelha que comigo não'." O próprio jogador admite que essa personalidade forte pode ter atrapalhado algumas vezes. "Sim, ele era um pouquinho marrento mesmo", brinca Sérgio Soares, que também comandou o Santo André na temporada 2017. "Parecia o Zé Buscapé, ficava resmungando baixinho, até por respeito." No ano anterior, no Bragantino, fazia cara feia quando era substituído. "Já dava provas do que seria hoje", completa Estevam Soares, seu técnico naquela época.

Todos concordam que desde jovem era muito profissional e dedicado, nos treinos e nos jogos. "Sempre cheguei no horário, sempre quis trabalhar mais. Sabia que a hora poderia chegar", diz Claudinho. Chegou, e um incômodo começa a ficar no passado. "A pecha de jogador de time pequeno me aborreceu por anos." Olhando para trás, é possível afirmar que o fato de ter sido revelado pelo Santos o levou a ser escalado quase sempre como um ponta pela esquerda, seguindo os passos de Robinho e Neymar. Só em 2019, quanto o Red Bull Bragantino conquistou a Série B e o acesso à elite, ele passou a ter liberdade para atuar pelo meio — para alegria dos amantes dos verdadeiros "camisas 10", como bem destacou o técnico Toninho Cecílio. "A gente sabe que está difícil achar um meia desse tipo hoje em dia. Que-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RICARDO CORREA

ANTONIO MILENA

Conquista da medalha de ouro: em 2016, a geração de Neymar, Gabriel Jesus e Gabigol *(acima)* acabou com o trauma histórico de craques como Ronaldo Fenômeno, em 1996 *(à esq.)*, e técnicos do time principal, como Vanderlei Luxemburgo, em 2000 *(à esq., acima)*

ro suprir um pouco da carência nessa posição", diz o jogador, sem modéstia.

Em fevereiro deste ano, quando terminou o Brasileirão 2020, ele recebeu várias propostas para trocar de clube, mas optou por ficar no Braga. Continuou jogando em alto nível e, no fim de maio, foi convocado pela primeira vez para a seleção olímpica, que faria dois amistosos de preparação para os Jogos de Tóquio. Estreou já com a camisa 10, no dia 5 de junho, contra Cabo Verde, numa surpreendente derrota por 2 a 1. Três dias depois, ajudou a comandar a goleada sobre a Sérvia por 3 a 0. É fato que a medalha de ouro olímpica já foi uma grande obsessão brasileira (como se vê nas fotos que ilustram estas páginas) e hoje passou a ser uma conquista um pouco menos relevante, depois da vitória sobre a Alemanha na Rio-2016.

O calendário mais inchado do que nunca, por causa da pandemia da Covid-19, levou alguns clubes e jogadores a abrir mão da convocação. Mas não há dúvidas de que subir ao degrau mais alto do pódio é não apenas um sonho, mas um enorme combustível para qualquer atleta. "Esta é a chance de mostrar meu valor", aposta Claudinho. A vida difícil na infância e a demora para se firmar poderiam ter acabado com o sonho do candidato a estrela. Mas ele tem boas chances de engrenar de uma vez por todas e brilhar como tantos outros craques do nosso futebol que comandaram com elegância o meio de campo. Essa história está apenas começando. ■

AS PARTIDAS DA PRIMEIRA FASE

Jogo	Data	Horário
Brasil x China	21 DE JULHO, QUARTA-FEIRA	5H
Brasil x Holanda	24 DE JULHO, SÁBADO	8H
Brasil x Zâmbia	27 DE JULHO, TERÇA-FEIRA	8H30

O ÚLTIMO ATO DE FORMIG

GA

A veterana volante da seleção e do São Paulo, em plena forma aos 43 anos, garante que o time tem todas as condições de conquistar a medalha de ouro olímpico. É caminho para consolidar de uma vez por todas o futebol feminino no Brasil — apesar das dificuldades

Alexandre Senechal

Das surras que levava dos irmãos por jogar bola na rua até sua sétima participação em Jogos Olímpicos foi uma longa jornada. Miraildes Maciel Mota nasceu em Salvador, em 3 de março de 1978. Começou a jogar pelo São Paulo aos 15 anos. Ganhou o apelido de Formiga e estreou na seleção brasileira apenas um ano depois. Após quatro temporadas no Paris Saint-Germain, retornou neste ano ao Morumbi, coroando uma das mais fantásticas histórias do esporte. Nesta entrevista, ela relembra a longa trajetória, fala sobre preconceito e homossexualidade no futebol feminino e, claro, sobre mais uma Olimpíada, que disputará aos 43 anos.

NAOMI BAKER/FIFA/GETTY IMAGES

Sete é o número de Copas que Formiga disputou na carreira — e também de Olimpíadas: sob o comando da técnica Pia Sundhage *(abaixo)*, ela é recordista em participações

Qual sua expectativa para os Jogos de Tóquio? É possível ganhar o ouro. Batemos na trave duas vezes, mas espero ganhar agora, porque é minha última Olimpíada. Quero trazer esse ouro para o Brasil e mudar de vez o futebol feminino.

Pia Sundhage é muito diferente dos outros técnicos que comandaram a seleção? Por trazer a mentalidade europeia, ela nos impõe outro estilo de jogo. Não que os profissionais brasileiros não tenham capacidade, mas Pia mescla a qualidade das brasileiras, que não podemos perder, com um estilo de jogo mais compacto. Daqui a dois anos estaremos em condições de bater de frente com todas as seleções.

RICHARD CALLIS/CBF

ASSESSORIA/CBF

Ainda há poucas treinadoras no futebol feminino no Brasil. Qual a importância de ter uma mulher à frente da seleção? É importante, principalmente, porque Pia foi jogadora. Com ela, sentimos total liberdade para conversar sobre tudo. Certos tipos de conversa ela vai entender melhor do que um homem.

O que você pensa sobre a ausência da Cristiane na convocação? Ter a camisa 11 e não vê-la vestida pela Cristiane é estranho. Para mim foi superdifícil. É uma coisa que não consigo entender, só respeitar. Nos encontramos depois da convocação e disse que a gente está indo para brigar por esse ouro por ela também.

Esta Olimpíada é mesmo o último ato? Sim. Daqui a pouco o povo vai querer me tirar, então é melhor sair antes que isso aconteça.

Em sua apresentação no São Paulo, você disse que vai parar quando o futebol feminino estiver no auge. Quanto falta para isso? Você imagina a gente ganhando esse ouro? O futebol feminino não vai desaparecer, como foi após as duas pratas. A gente achou que ia evoluir e parece que tiraram o futebol feminino do mapa. É doloroso lutar tanto em campo e as pessoas não valorizarem. Só quero respeito e reconhecimento. Chegando a esse ponto, será hora de parar.

Quanto o futebol feminino perdeu por causa da falta de incentivo ao longo dos anos? É impossível calcular. As pessoas literalmente esqueceram do futebol feminino. Você percebe quantos anos investimos para criar uma base?

Como está nossa estrutura em relação à de outros países? De 0 a 10, dou 5. Hoje tem o Brasileiro, mas acabou a Copa do Brasil. Por quê? Só com mais jogos e torneios o esporte vai evoluir.

Por que você decidiu voltar ao Brasil, então? Sou são-paulina. Para quem veio de lá do subúrbio de Salvador, do nada, buscando um sonho, esse time me abriu as portas e me deu uma estrutura top. Só tenho a agradecer. Inclusive por me aceitar de volta.

O que mudou desde o início de sua carreira? Há mais campeonatos de base, o que me deixa muito feliz. Como o preconceito contra as meninas fez com que a gente perdesse tantos talentos no futebol feminino. Uma vez a seleção foi convidada a fazer um amistoso contra a Holanda, com o time sub-20. Não tínhamos atletas suficientes. Fizemos um catado, perguntando para as pessoas se conheciam meninas dessa idade para montar um time. Foi vergonhoso passar por uma situação dessa. Hoje a gente tem essa base.

Como você se preparou para se tornar profissional? Na rua, como muitas outras. Jogando, deixando o tampão do dedo no asfalto. Essa foi minha base. Jogar com os meninos. Tinha muitas amigas, mas os pais não as deixavam jogar. E muitas também ficavam preocupadas com o preconceito, que era terrível.

Sofreu preconceito? Muito. Eu nem me importava com o que falavam, que eu era "mulher-macho", que aquilo não era para mim. O mais difícil era com os meus irmãos. Eles só me deixavam jogar se estivessem pre-

INSTAGRAM @OFICIAL_FORMIGA

Marta, a 10, estará em Tóquio, mas a centroavante Cristiane, não: longe dos gramados, Formiga sabe que assumir o casamento com Erica *(acima)* ajuda a romper preconceitos contra a orientação sexual de cada um

sentes. Quando me encontravam jogando, eu apanhava horrores. Ainda assim, sabia que o esporte poderia me levar para um lugar bacana. Isso só me fortaleceu e me fez acreditar que teria uma chance de me tornar a pessoa que sou hoje. Para os meus vizinhos, eu não estava nem aí. Jogava bola e ainda chutava na grade deles para ficarem putos mesmo.

No futebol feminino profissional parece haver mais respeito. É isso mesmo? Sim. A gente já enfrentou muito preconceito e resistiu. Recentemente, eu e minha mulher, Erica, recebemos uma mensagem de um cara falando que ela estava errada por ser lésbica e casada com uma jogadora de futebol negra. Quanta gente ignorante! O futebol feminino está quebrando isso. Sei que muitas pessoas ainda têm medo de ser atacadas na rua. Mas a gente não pode continuar se escondendo. É lamentável estar no século XXI e ainda precisar pedir respeito.

Qual a importância de craques como você tomarem posição? Podemos influenciar as pessoas a se conscientizarem e respeitarem a orientação sexual dos outros. Às vezes a pessoa já nasce homossexual, como no meu caso. Às vezes a pessoa não tem informação e não sabe como lidar com isso. Influenciar para o lado certo é vital.

Pretende jogar até quando? Meu contrato com o São Paulo vai até o fim do ano que vem. Quero continuar em atividade até o fim de 2023. Se surgir uma chance de renovação, não vou dizer não.

Em 2023 tem Copa do Mundo... Eu sei, mas a ideia é ficar só no São Paulo. Na seleção, quem sabe eu possa ajudar as meninas de alguma forma, mas não jogando.

Nem se o São Paulo estiver bem e você voando? Não, já tá bom. Vou ficar só nos bastidores. Pretendo fazer os cursos da CBF, tanto de gestão quanto de treinadora. Só não posso ficar longe do futebol. Vou ver onde me encaixo melhor.

Qual é o segredo da longevidade? Eu brinco que é a água de coco, mas a genética e os cuidados que tomo fazem mais diferença. Temos de cuidar do corpo sempre. ■

ELE QUER ENCRESPAR

Hernán Crespo chegou ao São Paulo depois de seu primeiro título como treinador. Tirou o Tricolor de uma longa fila, mas sobreviverá à máquina de moer técnicos do Brasil?

Klaus Richmond

O jejum durou muito mais do que qualquer torcedor gostaria de viver. Exatos 3 084 dias, mais de oito anos sem título. Até que, em 23 de maio deste ano, o São Paulo voltou a levantar uma taça — depois de um empate sem gols no Allianz Parque, a vitória por 2 a 0 contra o Palmeiras no Morumbi garantiu a conquista do Paulistão 2021. Na festa, um ex-craque de cabelos brancos era só alegria: Hernán Jorge Crespo, em seu 21º jogo como técnico do Tricolor.

O argentino, de 46 anos completados em 5 de julho, virou ídolo da torcida e esperança de um novo ciclo de vitórias depois de tantas decepções. *"Donde no llegan las piernas va a llegar el corazón."* Essa máxima do treinador (aonde as pernas não chegam, o coração alcança) estampa uma faixa confeccionada pela torcida e já está em uma das paredes do vestiário do clube. Crespo conta que nunca esqueceu uma frase de Luis Scola, grande ídolo do basquete argentino: "Pare de sonhar, trabalhe. Se está sonhando é porque ainda está dormindo". É assim que ele gosta de ser lembrado, é assim que ele vem se dedicando desde que chegou ao Brasil, em 16 de fevereiro, uma semana antes da última partida do Brasileirão — campeonato que o São Paulo liderou por várias rodadas, e terminou em quarto.

Três semanas antes, ele havia conquistado seu primeiro título como técnico de futebol. No comando do Defensa y Justicia, bateu o Lanús na final da Copa Sul-Americana de 2020. Sua contratação fez lembrar a de outro argentino que brilhou pelo São Paulo, dentro e fora de campo.

O ex-craque beija a taça do Paulistão, após bater o Palmeiras, no Morumbi: ao mesmo tempo competitivo e parceiro dos jogadores

ANDERSON RODRIGUES/FPF

Nascido em Rosário em 11 de abril de 1926, José Poy entrou para a história como o terceiro goleiro com mais partidas disputadas pelo clube (525, de 1948 a 1962, atrás apenas de Rogério Ceni e Waldir Peres). Foi campeão estadual em 1948, 1949, 1953 e 1957. Depois de pendurar as chuteiras, comandou o Tricolor em sete passagens. No total, entre 1964 e 1983, foram 422 jogos no banco, com direito a levantar o troféu do Paulistão 1975 — naquele time estavam Chicão, Muricy Ramalho (na época só Muricy) e Serginho Chulapa, além do próprio Waldir Peres. Ainda foi vice em três torneios importantes: a Libertadores de 1974 e o Brasileirão de 1971 e 1973.

Crespo também tem um passado de glórias. Atacante revelado pelo River Plate, estreou em 1993. Três anos depois foi para a Europa, onde atuou até 2012. Passou por Parma, Lazio, Internazionale, Chelsea, Milan e Genoa, sempre confirmando a fama de goleador letal. Com 1,84 metro, chegou a ser o jogador mais caro do mundo, na negociação entre Parma e Lazio em 2000, fechada por 51 milhões de euros, mas viveu boa parte da carreira à sombra de Gabriel Batistuta, ídolo de River, Boca Juniors, Fiorentina e Roma.

Foi convocado para a seleção argentina pela primeira vez em 1995 e é o quarto maior artilheiro da *albiceleste,* com 35 gols (Messi liderava com 75 ao final da fase de grupos da Copa América, Batistuta anotou 54 e Kun Agüero, 41, enquanto um certo Diego Maradona registra 34 bolas na rede). Mas ficou na reserva nas Copas de 1998 e 2002. Nessa última, amargou decepção ainda maior: a Argentina caiu na primeira fase. Foi dele o gol no empate em 1 a 1 com a Sué-

José Poy (1926-1996): o argentino, de saudosa memória, foi goleiro e técnico do São Paulo

REPRODUÇÃO

Crespo comemora gol contra o México, em 2006: o quarto maior artilheiro da história da seleção argentina

EMPICS SPORT/GETTY IMAGES

cia, placar insuficiente para salvar a equipe de Marcelo Bielsa. Em 2006, no único Mundial como titular, marcou três vezes, mas nossos vizinhos caíram nas quartas de final para a Alemanha.

Aposentado, Crespo cursou a mais famosa escola de treinadores da Europa, o Centro Técnico Federal de Coverciano, em Florença. Formou-se em 2013, com a tese "O jogador moderno: identidade, nacionalismo e internacionalização", em que relata parte das lições aprendidas no futebol argentino, italiano e inglês. Sua primeira experiência na nova fase profissional foi nas categorias de base do Parma, em 2014. No ano seguinte, já era o treinador principal do Modena — mas uma campanha ruim na segunda divisão da Itália quase o levou a desistir de tudo. Em 2018, depois de dois anos desempregado e recém-separado da mãe de suas três filhas, todas nascidas no país, encontrou o preparador físico Alejandro Kohan, que o convenceu a voltar. Assumiu o Banfield, da Grande Buenos Aires — e no ano seguinte estava no Defensa y Justicia.

Trouxe para o São Paulo uma comissão técnica com outros cinco argentinos (entre eles Kohan, que é uma espécie de braço direito, e o filho dele, Tobias, que é um dos auxiliares). A psicóloga Anahy Couto dá suporte a tudo que é vinculado à parte emocional da equipe. "Crespo é muito equilibrado, o que é uma das principais características dos líderes de hoje", diz o preparador físico. "Ele é ao mesmo tempo um cara supercompetitivo e um grande companheiro, que não fica enchendo a cabeça dos atletas", emenda o gerente de futebol do São Paulo, Marcos Vizolli. "Rapidamente se fez respeitado por todo o grupo." Outra característica evidente do treinador é o interesse em fincar raízes — faz aulas de português e é nítido o esforço para se comunicar no novo idioma.

Na rotina de trabalho no Morumbi já são costumeiras as reuniões antes dos treinamentos para definir o planejamento. Todos reconhecem que Crespo adora escutar, construir um bom ambiente. O próprio treinador define seu trabalho da seguinte forma: "Escolhi que devemos ser agressivos e protagonistas, donos do nosso destino". A tática funcionou durante o Campeonato Paulista e também na terceira rodada da Copa do Brasil, apesar da derrota por 3 a 2 para o 4 de Julho, do Piauí, no jogo de ida. Na volta, o Tricolor arrasou o Gavião Colorado no Morumbi por 9 a 1. Foi o bastante para reanimar

Decepção em 2002: ele anotou o seu contra a Suécia, mas o empate selou a eliminação ainda na primeira fase

LAURENCE GRIFFITHS/GETTY IMAGES

a lua de mel com a torcida naquela noite de 8 de junho.

Mas a vida é difícil e o futebol brasileiro se tornou a maior máquina de moer técnicos do planeta. Crespo sabe disso. O calendário é duríssimo e com menos intervalo entre as partidas do que em outros países. Até agora, a opção foi revezar os atletas no estadual, na Copa do Brasil e na Libertadores. Mesmo assim, o time sofreu com uma sequência de lesões (Daniel Alves, Martín Benítez, Miranda, Luan e Luciano). E também com convocações para as seleções nacionais.

A comissão técnica garante que essa é uma metodologia que tem tudo para dar certo — e que as fases de baixa fazem parte do planejamento. Foi o que aconteceu, por exemplo, no início do Campeonato Brasileiro. Nos primeiros nove jogos disputados, foram apenas cinco empates (contra Fluminense, Chapecoense, Cuiabá, Ceará e Corinthians) e quatro derrotas (para Atlético-GO, Atlético-MG, Santos e Red Bull Bragantino). É o pior início do clube em toda a história do Brasileirão.

No fim de junho, o presidente do clube, Julio Casares, publicou nas redes sociais uma foto ao lado de Crespo com a frase "Apoio, foco e união no trabalho, assim superaremos as adversidades". Os dois resistirão à cultura de derrubar técnicos que vigora (há décadas) no país? Só o tempo dirá. O contrato do argentino tem duração até o fim de 2022 e uma pesada multa para o caso de rescisão: 750 000 dólares (aproximadamente 3,7 milhões de reais). Desde os tempos de jogador, Crespo é um obstinado. Treina sem descanso e, como gosta de lembrar, prefere trabalhar a sonhar. Ainda tem a grandeza de admitir: "Se tem um culpado pelos maus resultados, sou eu". ■

VIVA O FUTEBOL ARRETADO

A presença cada vez maior e com mais destaque de clubes do Nordeste na elite nacional não é por acaso; com aposta em austeridade e modernização, times da região dão exemplo a muitos membros do "eixo"

Luiz Felipe Castro

Há dois anos, o atacante Thiago Galhardo, hoje no Inter, causou controvérsia ao confessar ter ficado surpreso com o fato de seu primeiro salário no Ceará ter caído adiantado, e ele esperava que fosse atrasar. "Me avisaram que aqui pinga em dia, não tem erro", disse, entusiasmado, numa declaração que soou como uma leve provocação ao Vasco da Gama,

Hegemonia: em 2021, o Bahia faturou o tetra da Copa do Nordeste, torneio que virou o xodó dos torcedores

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

seu clube anterior. Não é mera coincidência, portanto, que em 2021 o clube nordestino esteja em seu quarto ano consecutivo na elite, enquanto a equipe carioca voltou para a Série B.

Não é caso isolado de sucesso o do Vovô cearense. Vários clubes do Nordeste vêm colhendo os frutos da profissionalização e da boa gestão. Desafiam as lógicas de mercado, que sempre favoreceram o futebol do Sul e Sudeste, o chamado "eixo". Na Série A, há quatro representantes, um quinto do total *(veja o quadro ao lado)*. Na Copa do Brasil, os resultados são ainda mais significativos, com seis equipes classificadas para as oitavas de final: ABC (RN), Bahia e Vitória (BA), Fortaleza (CE), Juazeirense (BA) e CRB (AL). O time alagoano, aliás, roubou a cena ao eliminar o atual campeão, Palmeiras, no Allianz Parque.

Bahia, Ceará e Fortaleza são os melhores exemplos de boa gestão. O trio está sempre bem colocado nos rankings de transparência e redução de dívidas e compartilha uma mesma premissa: não ceder a pressões externas e não dar passos maiores que as pernas. O nome do jogo é austeridade. O desafio financeiro se tornou ainda maior em razão da pandemia do novo coronavírus, que atingiu em cheio a principal fonte de receita dos clubes: a presença dos torcedores, que costumam lotar os estádios. Em 2019, o Fortaleza teve a segunda maior média de público (32 999), atrás apenas do líder, Flamengo (55 000).

Com patrocínios e cotas de TV inferiores aos de vizinhos ao sul e com a decisão de seguir honrando seus compromissos, não restou outra alternativa a não ser enxugar os elencos. "Tivemos de compensar essa perda com algumas negociações", diz o presidente do Fortaleza, Marcelo Paz. "Montamos um elenco praticamente a custo zero, com jogadores em fim de contrato, emprestados. As passagens de fase na Copa do Brasil ajudaram o time a seguir nesse caminho da responsabilidade financeira." Um acerto em cheio, ao menos até agora, foi a contratação do técnico argentino Juan Pablo Vojvoda. Ele vem fazendo os fãs do Leão do Pici esquecerem Rogério Ceni, campeão

DE OLHO NA ELITE

Mais de 25% das equipes que disputam as três primeiras divisões do Brasileirão são nordestinas

Série A

Bahia (BA)
Ceará (CE)
Fortaleza (CE)
Sport (PE)

Série B

Confiança (SE)
CRB (AL)
CSA (AL)
Náutico (PE)
Sampaio Correia (MA)
Vitória (BA)

Série C

Altos (PI)
Botafogo (PB)
Ferroviário (CE)
Floresta (CE)
Jacuipense (BA)
Santa Cruz (PE)

Lenda: Givanildo, ídolo do Santa Cruz na década de 70, quando foi convocado para a seleção brasileira; aos 72 anos, ele está de volta

SILVIO FERREIRA

da Série B de 2018 e da Copa do Nordeste do ano seguinte.

O torneio regional, por sinal, é peça fundamental no debate sobre a retomada do futebol nordestino. Organizada pela primeira vez em 1994, a Copa do Nordeste foi remodelada em 2013 e desde então se tornou o verdadeiro xodó das torcidas. A Lampions League, como foi carinhosamente apelidada, com chaveamento e até taça semelhante a da Champions League europeia, teve sempre arquibancadas cheias (pré-Covid-19) e audiências de TV altíssimas na região.

Na decisão deste ano, o Bahia bateu o Ceará nos pênaltis, em uma final dramática. "A Copa do Nordeste é um enorme sucesso em termos de mobilização, um título de expressão maior que os estaduais, que estimulou uma rivalidade regional muito forte", diz Guilherme Bellintani, presidente do tricolor de Salvador. "É uma competição atraente, um sucesso afetivo e esportivo, mas economicamente ainda precisa avançar para ser, de fato, um fator de transformação. Chegaremos lá". A premiação de apenas 1 milhão de reais pelo triunfo foi toda dividida entre os atletas e, portanto, não representou nenhum alívio no caixa.

Além dos resultados em campo, o Bahia, campeão brasileiro de 1959 e 1988, se destaca com diversas iniciativas sociais, como campanhas de apoio à comunidade de LGBTQI+ e ao Sistema Único de Saúde (SUS). Os clubes da região também vêm testando formas de atrair mais sócios torcedores, com a criação de canais e serviços exclusivos, e são bastante ativos nos debates sobre direitos de transmissão e na possível formação de uma liga independente. "A rivalidade fica em campo. Há total conexão e cumplicidade entre nós dirigentes, um entendimento claro de que podemos melhorar o futebol nordestino como um todo se estivermos unidos", completa Bellintani.

Guardadas as devidas proporções, clubes menores como o Confiança (SE) e o Sampaio Correa (MA) também têm crescido com base no zelo financeiro. Os representantes de Pernambuco, potência da região, buscam uma retomada. Do Recife, uma lenda local, Givanildo Oliveira, primeiro jogador da história convocado para a seleção brasileira atuando no Nordeste, pelo Santa Cruz, demonstra ceticismo. "A pandemia afetou todos os clubes, especialmente os do Norte e Nordeste. Já vi momentos melhores", diz o extreinador, conhecido como "rei do acesso", que retornou ao clube do coração em 2021, agora como diretor de futebol.

O mais recente título nacional de elite dos nordestinos foi a Copa do Brasil de 2008, do Sport, e os próprios dirigentes locais admitem que, no curto prazo, a meta é fazer um bom papel na Série A e, quem sabe, nas competições sul-americanas. Troféus estão no horizonte, mas sem falsas promessas. Como diria o poeta Ariano Suassuna (1927-2014), defensor ferrenho da cultura sertaneja e fanático pelo Leão da Ilha: "O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso". E viva o futebol mais arretado do país. ■

“É PRECISO MANTER OS PÉS NO CHÃO”

O treinador do CRB, o paranaense ***Allan Aal,*** *que eliminou o Palmeiras da Copa do Brasil, elogia a estrutura de clubes nordestinos, mas pede cautela*

MARCOS RIBOLLI

O técnico: tranquilo no cotidiano e intenso no trabalho

Ter batido o Palmeiras, vencedor da Copa do Brasil e da Libertadores de 2020, foi um feito histórico para o CRB e para as equipes do Nordeste. Como encarara os comentários de que o resultado foi injusto? Falar em sorte do adversário é muito pobre, é minimizar o nosso futebol. Precisamos partir sempre do princípio da humildade. É bonito todos quererem jogar, ter a bola, mas, às vezes, não há recurso para envolver o oponente em campo — e foi o que aconteceu.

O que foi dito aos atletas para convencê-los de que era possível superar o atual campeão? Eu disse que, mesmo querendo jogar, teríamos de nos preparar para sofrer mais. É utopia dizer que poderíamos controlar o jogo, que correriam atrás da gente. E isso não é desmerecer o grupo, não, mas havia uma questão de qualidade humana maior do outro lado. Deixamos o Palmeiras jogar, com maior posse de bola, sabendo que nenhuma equipe consegue evitar brechas por noventa minutos. Os atletas souberam fazer essa extraordinária leitura.

Mas em que momento houve a certeza de que os jogadores haviam comprado o discurso motivador? Sou muito intenso por natureza. Muito tranquilo no dia a dia, sim, mas intenso quando estou trabalhando. Acredito muito na motivação como atalho para alcançar os objetivos. Deixei claro que o futebol dava a eles a rara possibilidade de marcarem história. Foi a primeira equipe de Maceió a conseguir uma classificação assim, e fora de casa. O valor é imenso, inesquecível.

Um radialista de São Paulo chamou as equipes do Nordeste de “lixo” e “porcaria”. Serviu de motivação? Sabíamos do comentário, mas procuramos não envolver diretamente o Palmeiras dentro dele. Não foi alguém do clube. Toquei muito pouco no assunto com os jogadores, mas, infelizmente, preciso admitir que há um preconceito, uma visão deturpada sobre os clubes da região. Não quero citar especificamente nenhum dos outros times em que trabalhei, mas há muitos que não devem nada às equipes do Sul e do Sudeste. Pelo contrário, em muitos momentos estão até à frente, são bons pagadores e com uma estrutura incrível. E posso assegurar que o CRB está à frente da maior parte deles.

Quando caiu a ficha, de fato, do que haviam feito? Quando chegamos ao aeroporto e a torcida nos recepcionou com carreata. Mas tivemos de voltar à nossa realidade na Série B. Houve um desgaste físico e mental muito grande pela disputa de pênaltis. Conversamos sobre não viver do que a gente já fez, ficar comemorando e perder a concentração. Nossa celebração será nas férias. Foi histórico, mas a realidade nos leva a ter calma. É preciso manter sempre os pés no chão.

CRB

A festa depois dos pênaltis: vitória histórica fora de casa, no Allianz Parque

Klaus Richmond

FOOTBALL IS COMING ROME

Depois de 53 anos, a *Azzurra* conquista a Eurocopa com um futebol bonito, jogando para a frente. Obra do treinador Roberto Mancini

Guilherme Azevedo

O gol de empate de Bonucci, chorado: 1 a 1 a caminho dos pênaltis

LAURENCE GRIFFITHS/GETTY IMAGES

Alegria em Wembley: para compensar o drama de ter ficado de fora da Copa de 2018

ANDY RAIN/GETTY IMAGES

A cultura retranqueira do *catenaccio* (porta trancada, em português), sistema criado em 1930, está colada desde sempre ao futebol italiano. E, no entanto, que bela surpresa, a Itália do treinador Roberto Mancini, que venceu a Eurocopa, jogou para a frente, em uma pequena e decisiva revolução. Fez treze gols e levou quatro. Ao empatar com a Inglaterra em 1 a 1, e vencer nos pênaltis, o time de Mancini acumulou 34 jogos sem derrotas, com 27 vitórias e sete empates. Na atual fase invicta, marcou 87 gols e sofreu apenas onze. O.k., se a defesa fechadíssima deixou de ser a grande marca, convém lembrar que o zelo para não tomar gols ainda existe. Não por acaso, o goleiro Gianluigi Donnarumma foi eleito o melhor jogador da Euro.

A conquista em Wembley representou um renascimento italiano depois de ter ficado de fora da Copa do Mundo de 2018. Mancini, um ex-atacante muito rápido, teve a inteligência de propor saudável mistura de veteranos com jovens. Convocou nomes como os experientes Giorgio Chiellini (36 anos) e Leonardo Bonucci (34 anos), autor do gol de empate na final, ao lado de novidades como os meias Manuel Locatelli (23 anos) e Nicolò Barella (24) e o atacante Federico Chiesa (23). Houve ainda uma pitada brasileira, com o volante Jorginho, o zagueiro Rafael Tolói e o lateral-esquerdo Emerson. O título pôs fim a um jejum de 53 anos sem conquistar a Euro (em 2000 e 2012 a Itália foi vice-campeã). A celebração em Londres foi levada com bom humor. Os ingleses diziam: *"The football is coming home"*. Os italiamos responderam: *"The football is coming Rome"*. Sim, voltou para Roma, em roupagem diferente. É bom para o futebol. ■

ELE É O MAIOR EUROPEU DE TODOS OS TEMPOS?

Cristiano Ronaldo segue fazendo história diante de nossos olhos. Em números, Eusébio, Beckenbauer, Cruyff, Zidane e companhia já ficaram bem para trás, mas nem tudo se resume à frieza das estatísticas. O debate está posto

Luiz Felipe Castro

Máquina: com cinco gols em quatro jogos, bateu marcas históricas na Eurocopa

ALEX PANTLING/GETTY IMAGES

Compreender a real magnitude de um fenômeno no exato momento em que ele ocorre não é tarefa simples. Muitas vezes, a história é escrita diante de nossos olhos sem nos darmos conta, cabendo ao remédio do tempo pôr tudo em seu devido lugar. Cristiano Ronaldo não parece disposto a esperar. Aos 36 anos, o atacante português segue pulverizando vários dos recordes mais relevantes do futebol. Ele não conseguiu levar Portugal ao bicampeonato da Euro, mas, com cinco bolas na rede, tornou-se o maior artilheiro da história do torneio. De quebra, igualou a marca do iraniano Ali Daei, até então o maior goleador de uma seleção, com 109 tentos. "Sinto-me honrado pelo fato de este feito inacreditável pertencer a Ronaldo — um grande campeão do futebol e um humanista que inspira e tem impacto em várias vidas pelo mundo", escreveu Daei. "Tenho muito orgulho de receber palavras tão carinhosas de um ídolo como você", retribuiu CR7, que detém ainda o recorde de esportista mais popular do Instagram (309 milhões de seguidores... e contando). As recentes façanhas abriram margem para um novo debate: seria o lusitano marrento o maior jogador europeu de todos os tempos?

"Ele não é só uma máquina de fazer gols. É muito mais que isso", disse o jornalista Paulo Vinícius Coelho, cria de PLACAR e hoje no Grupo

O CV DO CR7

Aos 36 anos, o astro português detém várias das principais marcas do futebol. Falta a Copa do Mundo... mas o Catar é logo ali

Recorde	Marca	
O maior artilheiro de uma seleção nacional	**109 gols,** empatado com o iraniano Ali Daei	
O maior artilheiro da Liga dos Campeões	**134 gols** Lionel Messi é o segundo, com 120	
O maior artilheiro da Eurocopa	**14 gols** Michel Platini é o segundo, com 9	
O maior artilheiro do Real Madrid	**450 gols** Raúl é segundo, com 324	
O maior artilheiro da história do futebol em jogos oficiais	**783 gols** Pelé é o segundo, com 757	
Bola de Ouro	**5** Só Messi tem mais: 6	

Não deu: o sonho do bicampeonato europeu de Portugal parou na forte seleção belga, nas oitavas de final

JOSE MANUEL VIDAL/EPA/EFE

Globo, que ajudou a alimentar a discussão. "Cruyff foi mais revolucionário, Beckenbauer, mais cerebral, Zidane, mais elegante... mas ninguém foi tão brilhante por tantos anos quanto Cristiano." Numa hipotética eleição mundial, o gajo da Ilha da Madeira enfrentaria a cruel concorrência sul-americana de Pelé, Maradona e mesmo seu eterno antagonista, Lionel Messi. O craque do Barcelona, aliás, sabe como ninguém quanto desafiar Cristiano pode ser missão ingrata. Mas, se a disputa for restrita à Europa, CR7 estará, obviamente, no páreo.

"Os números não mentem", costuma dizer o atacante da Juventus. Podem até enganar e, certamente, não são tudo no futebol, mas diante de tanta superioridade nas estatísticas, não há como excluí-lo dessa briga. Cristiano tem cinco Bolas de Ouro, isso tudo vivendo na mesma era de Messi. Quando nomes como Puskás, Beckenbauer, Cruyff e o também lusitano Eusébio (nascido em Moçambique) atuavam, a disputa pelo renomado prêmio oferecido pela revista *France Football* estava restrita a europeus — motivo pelo qual jamais foi erguido por Pelé.

Cristiano, aliás, tem muito em comum com o Rei. Primeiro, o fato de ser evidentemente muito mais forte e rápido que a maioria dos colegas. É uma máquina, o "robozão". É completo, ambidestro, inteligente, excepcional cabeceador, líder nato, hiperdecisivo e carismático. Tudo o que faz, ou o que deixa de fazer, produz barulho. Na Euro, causou controvérsia ao retirar um refrigerante da mesa de coletiva, deixando em polvorosa a turma do marketing. "Só água", brincou.

EUSÉBIO (anos 1960 e 1970)
Português, ídolo do Benfica
Posição: atacante
Gols em jogos oficiais: 623
Bolas de Ouro: 1 (1965)
Títulos: Liga dos Campeões de 1962 e 11 ligas portuguesas

BECKENBAUER (anos 1960 e 1970)
Alemão, ídolo do Bayern
Posição: zagueiro/líbero/meia
Gols em jogos oficiais: 111
Bolas de Ouro: 2 (1972 e 1976)
Títulos: Copa do Mundo (74), Euro (72) e 3 Ligas dos Campeões (74,75,76)

LEMYR MARTINS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CRUYFF (anos 1960 e 1970)
Holandês, ídolo de Ajax e Barcelona
Posição: meia-atacante
Gols em jogos oficiais: 403
Bolas de Ouro: 3 (1971, 1973 e 1974)
Títulos: 3 Ligas dos Campeões (71, 72 e 73), 8 ligas holandesas e 1 espanhola

ZIDANE (anos 1990 e 2000)
Francês, ídolo de Juventus e Real Madrid
Posição: meio-campista
Gols em jogos oficiais: 156
Bolas de Ouro: 1 (1998)
Títulos: Copa do Mundo (98), Euro (2000) e Liga dos Campeões (2002)

PVC toca em um ponto fundamental: reduzir Cristiano a um mero empurrador de bolas para dentro do gol passaria longe de ser justo. CR7 iniciou a carreira no Sporting e no Manchester United como um ponta driblador (pecava, inclusive, pelo excesso de firulas). No Real Madrid, tornou-se um craque objetivo, letal, mas sem deixar de exibir ousadia, elasticidade e uma técnica apurada.

No entanto, sabemos, beleza é fundamental, e aqui não falamos sobre o corpo torneado que o português gosta de conferir no telão do estádio. Reafirme-se: Puskás, Eusébio, Beckenbauer, Cruyff e Zidane, além de Michel Platini e do norte-irlandês George Best, foram craques mais talentosos, que jogavam um futebol artístico, quase poético, mais plástico. O holandês ainda tem a seu favor o fato de ter influenciado como ninguém o desenvolvimento do jogo. Foi um revolucionário da bola, tanto como atleta quanto como treinador. Mas ninguém durou tanto quanto Cristiano. Favorecido pelo avanço da medicina, aliada a seu profissionalismo e ambição, Cristiano se mantém em altíssimo nível perto dos 40. Sonha, agora, em conquistar o único grande título que lhe falta: a Copa de 2022, no Catar.

O debate está posto, é saboroso, e totalmente aberto a subjetividades dos gostos pessoais, que tendem a variar entre gerações. Na redação de PLACAR, formada por três millennials (de 26 a 40 anos), dois membros da geração Z (até 25 anos), um da geração X (de 41 a 55 anos) e dois baby boomers (acima de 56) — todos um tanto "cringe", para ficar com a gíria da moda —, houve empate de 4 a 4. Quem se arrisca a desempatar? ■

UM MARACANAZO

Erguido aos céus pelos companheiros: depois de dezesseis anos, o primeiro troféu pela equipe que já foi de Diego Armando Maradona

Lionel Messi nunca festejou tanto um título como o da Copa América no Maracanã. Aos 34 anos, o craque e líder da seleção *albiceleste* tirou um enorme fardo das costas e recebeu seu mais merecido prêmio: a condição de herói nacional

Texto: **Luiz Felipe Castro**
Fotos: **Alexandre Battibugli**

Nas redes sociais, ali onde vivemos hoje em dia, um meme mostrava Diego Armando Maradona, no céu, abençoando Lionel Messi na terra, depois da conquista da Copa América no Maracanã. Dezesseis anos após sua estreia com a camisa *albiceleste*, finalmente o 10 de Rosário erguia uma taça de relevo pela seleção argentina (a medalha de ouro em 2008 é uma conquista à parte). Sim, ele teve atuação discreta na final de 10 de julho, perdeu um gol na cara de Ederson, mas pouco importa. O título, com vitória de 1 a 0, num golaço de Di María, pôs Messi, definitivamente, no panteão dos grandes — agora celebrado pelo povo fanático por futebol de um país que respira futebol. E foi bonito ver a reação, dentro e fora do gramado, em torno de um feito cujos aspectos históricos e emocionais extrapolam o que ocorreu no Rio de Janeiro.

A festa que imediatamente tomou os arredores do Obelisco, no centro de Buenos Aires, em plena pandemia, deu a medida de um momento indelével. A Copa América de 2020, adiada em um ano em razão da Covid-19 — e que só ocorreu diante das desistências das sedes originais, Argentina e Colômbia, e depois que a CBF e o governo de Jair Bolsonaro quebraram o galho da Conmebol, com gramados em péssimas condições e sob protocolos de saúde altamente discutíveis —, teve peso de Copa do Mundo para os argentinos. "Um novo Maracanazo", exagera-

Apito final: todo mundo de olho na reação do genial camisa 10 de Rosário

ram, com pitada de humor portenho, alguns jornais do país. Diferentemente da glória uruguaia de 1950, não havia 200 000 brasileiros nas arquibancadas do Maracanã, mas apenas alguns milhares de convidados vips de ambos os países. E, no entanto, ao apito do juiz, fez-se justiça à trajetória de um dos maiores jogadores de todos os tempos, um craque sem fronteiras. Pode-se dizer, portanto, que houve um Maracanazo particular para Messi.

Ao término da partida, ele celebrou feito criança. Ajoelhado no gramado, com expressão de enorme alívio, desapareceu entre abraços comovidos dos companheiros, símbolo de genuína veneração. O título era de todos, mas para Messi tinha outro significado. Do gramado — onde, aliás, perdera a final da Copa de 2014 para a Alemanha — ele pegou o smartphone e ligou para a mulher, Antonella, e os filhos, Thiago, Mateo e Ciro, para mostrar a medalha de campeão. “Eu precisava tirar esse peso das costas, passei perto muitas vezes e sabia que uma hora ia chegar”, disse o capitão. “Agradeço a Deus por me proporcionar este momento, no Brasil e contra o Brasil. Acho que este momento estava guardado para mim”.

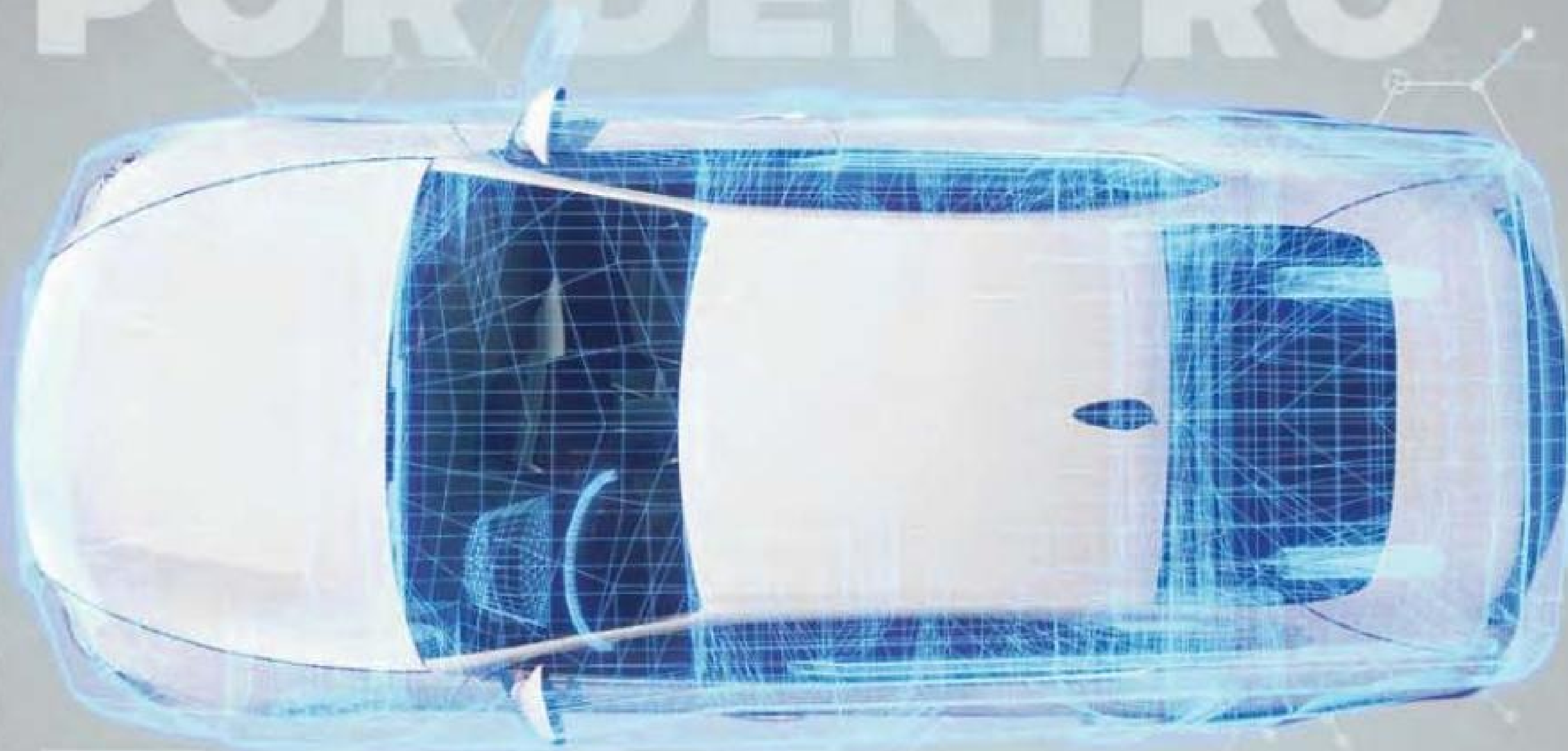
Embora não tenha brilhado na decisão, Messi foi o craque do torneio, com cinco assistências e quatro gols. Sua comemoração tradicional, os indicadores para cima em direção aos céus, era uma homenagem à avó, já falecida, sua grande incentivadora. Mas, claro, como na Argentina tudo é dramático como um tango, os fiéis da Igreja Maradoniana asseguram que ele se dirigia mesmo ao craque, morto em no-

O golaço de cobertura de Di María: obra de outro craque canhoto

LUIZA MORAES/STAFF IMAGES/CONMEBOL

Parceria depois do jogo, em uma cena que faz bem ao esporte: "Parabéns, Hermano, fdp...", postou Neymar

vembro do ano passado, aos 60 anos — e não por acaso, Dieguito teria intercedido para desconcentrar o lateral Renan Lodi, que falhou no toque de cobertura de Di María, outro canhoto de primeiríssima qualidade. A bola na rede significou o fim de uma seca de 28 anos sem troféus da Argentina. *"Una hermosa locura"*, definiu Messi. Nem mesmo em conquistas de Ligas dos Campeões pelo Barcelona se viu o craque tão radiante.

À seleção brasileira, resta juntar os cacos e consertar as inúmeras fragilidades expostas na competição. Aos menos sua estrela-problema deu sinal de estar, enfim, entrando nos eixos. Neymar foi o ponto positivo do Brasil no Maracanã. Buscou jogo a todo o momento, armou, driblou... e apanhou mais até do que de costume, mas não exagerou nas quedas, nem perdeu a cabeça. Não deixou de parabenizar o amigo Messi com um longo abraço, ambos chorando, um de tristeza, o outro de euforia. Minutos depois, ambos já de cabeça fria, apareceram conversando e sorrindo na escadaria que leva aos vestiários. Foi uma cena bonita, que remete ao futebol amador, à esportividade que rege a paixão pelo jogo — no avesso de um torneio realizado às pressas, na contramão do drama da Covid-19. "Tenho um respeito muito grande pelo que ele fez pelo futebol e principalmente por mim. Odeio perder, mas desfrute de seu título, o futebol esperava por esse momento! Parabéns, Hermano, fdp!", escreveu o brasileiro nas redes sociais. À sua maneira, os craques se reconhecem. Quis o arranjo do destino que a Copa América que não deveria ocorrer premiasse um gigante. Maradona pode sorrir, Messi chegou lá. ■

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

INSTAGRAM @_NOSTALGIAFUTEBOLERA

Os geraldinos no Maracanã: pátina do tempo

MUSEU PELÉ

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Adil, do Criciúma

IGNÁCIO FERREIRA

O quarteto do Inter, Atlético-MG, Flamengo e Corinthians: inteligência

SUPERINTENDÊNCIA DE DESPORTOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESTADIO MARIO FILHO (MARACANÃ)
Confederação Brasileira de Futebol Profissional
série H.
91
ARQUIBANCADA
Guarde em seu poder para caso de transferência ou suspensão
Nº 72683
FLU X CORINTIANS
05 — Dezembro — 76
Preço: Cr$ 25,00
VALIDO SOMENTE COM O TICKET DE CONTROLE

REPRODUÇÃO

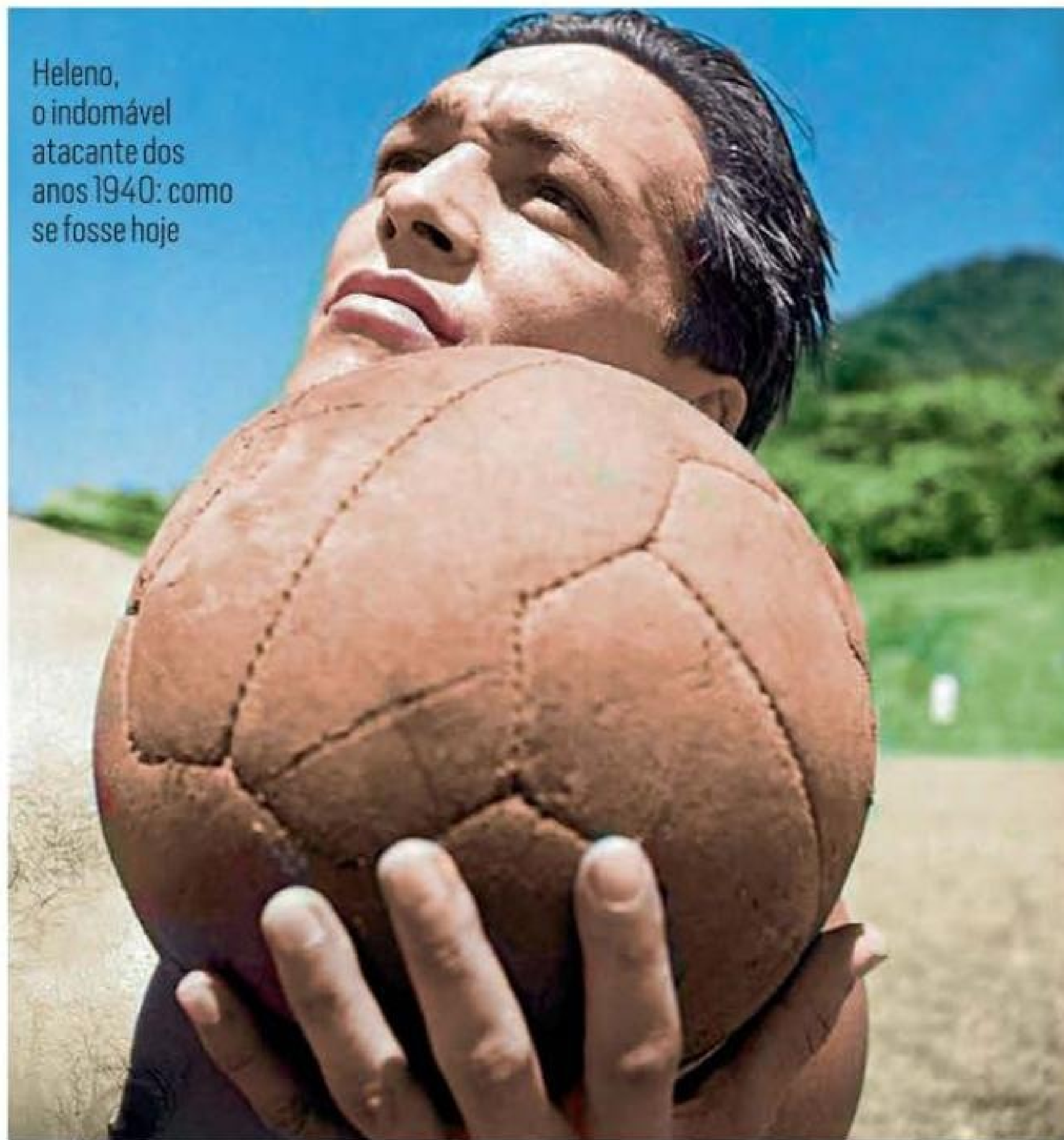
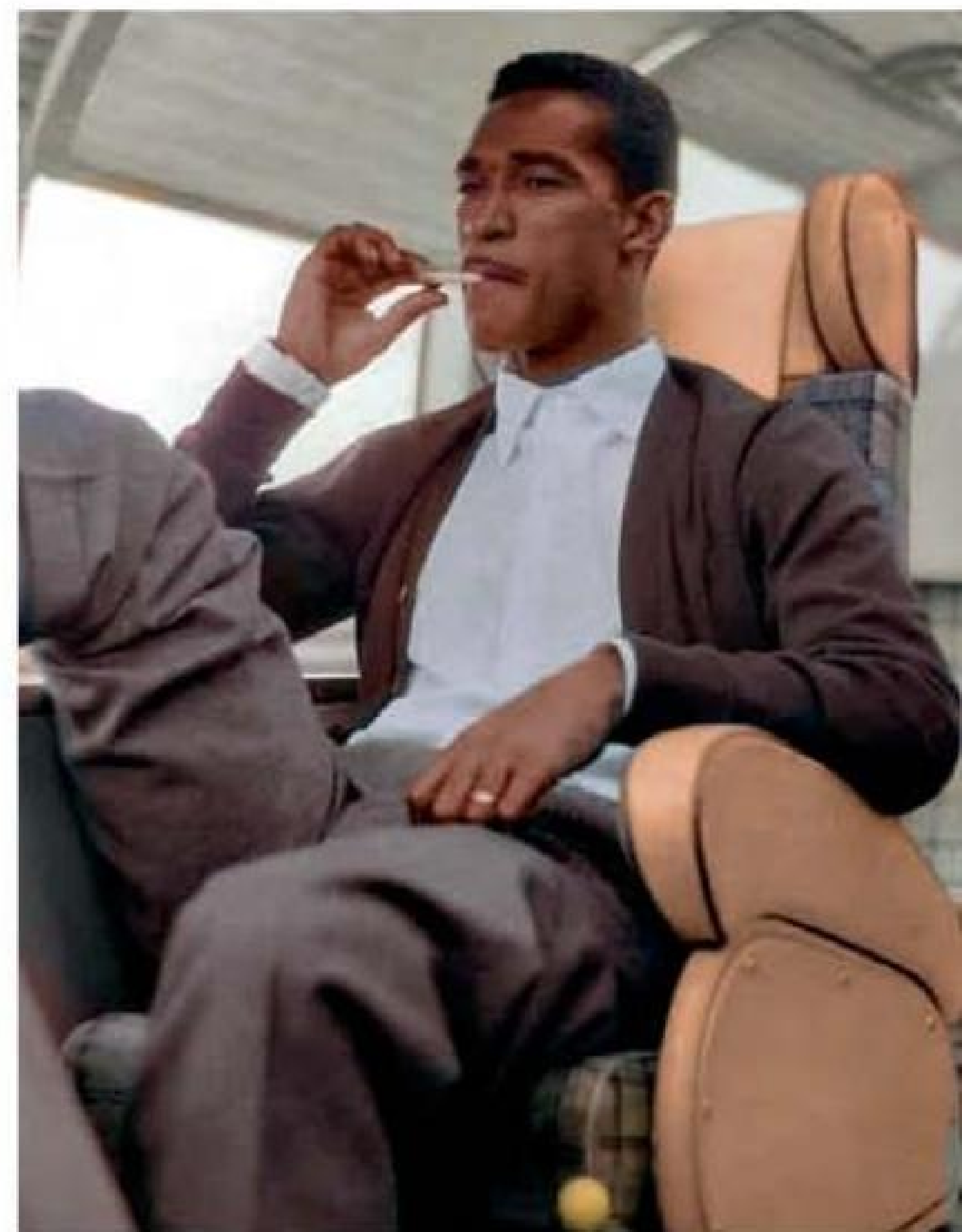
O ingresso da semifinal de 1976: aventura carioca

A VIDA COMO ELA ERA

Ao colorizar imagens de clássicos do futebol brasileiro e internacional, uma conta espanhola no Instagram e no Twitter — a Nostalgia Futbolera — constrói uma fascinante ponte entre o passado e o presente

Ingrid Bergman, na pele de Ilsa Lund: "Você se lembra de Paris?". Humphrey Bogart, como Rick Blaine: "Eu me lembro de todos os detalhes. Os alemães vestiam cinza e você, azul". E então, em 1988, Ted Turner, o criador da CNN, inventou de colorizar o clássico dos clássicos, *Casablanca,* de 1942. Ingrid apareceu de azul, o índigo que apenas se insinuava nos devaneios de Humphrey e nunca deveria ter sido revelado. Os soldados da SS, claro, brotaram plúmbeos. "É uma mutilação criminosa",

FOTOS INSTAGRAM @_NOSTALGIAFUTBOLERA

Heleno, o indomável atacante dos anos 1940: como se fosse hoje

Tons diferentes: Pelé no gramado depois de fazer o quinto contra a Suécia em 1958, celebrado por Garrincha *(à esq.)*, o gênio para quem qualquer chão era chão *(abaixo)*, e Didi, o Príncipe Etíope de Nelson Rodrigues *(acima)*, gênios da bola de couro ainda artesanal

Túnel do tempo: os geraldinos no Maracanã, nos anos 1970 *(acima)*, o menino inglês em Wembley nos anos 1950 *(à dir.)*, o Spartak de Moscou contra o Milan na União Soviética no tempo do socialismo e a lama na Inglaterra de 1937 *(abaixo)*

FOTOS INSTAGRAM @_NOSTALGIAFUTBOLERA

disse Woody Allen. Era esquisito. E no futebol?

Bem, no futebol talvez não seja contrafeição, dado o espetacular sucesso recente de uma conta espanhola no Instagram e no Twitter, a Nostalgia Futbolera, criada em setembro de 2019. As imagens colorizadas pela turma do "eu sozinho" (sim, é um único bravo retocador) se espalham pelo mundo, sobretudo em países latinos, amantes da bola. "Colorimos porque sentíamos necessidade de conectar nosso conteúdo iconográfico com gente mais jovem", disse a PLACAR o criador da brincadeira, que prefere ficar no anonimato. "Em cores, a história é muito mais tangível, ao estabelecer uma ponte emocional que une o passado e o presente do futebol." Alguns puristas podem até reagir como Woody Allen ao tomar conhecimento dos novos matizes de *Casablanca,* mas como negar o fascínio de ver fotos como as que ilustram esta reportagem?

Houve especial comoção com a foto da final da Copa de 1958, na Suécia, que aprendemos a ver em preto e branco, e que despontou com o azul da camisa, o amarelo dos números, o verde da grama. Mas havia, sim, cores naquele tempo em que deixamos de ser vira-latas dentro dos gramados. O internauta Daniel Sousa, ao comentar a fotografia no Twitter, resumiu o tom da prosa: "Acredita que quando alguém conta uma história dessa época eu penso em preto e branco?". Sim, PLACAR acredita. Colorizar o futebol, embora pareça tirar um pouco da nostalgia original, é divertido e emocionante passeio, além de extraordinário trabalho de pesquisa. ■

IDEIAS NA MESA DO BAR

Em 1980, PLACAR reuniu os quatro maiores craques do futebol brasileiro (Falcão, Reinaldo, Zico e Sócrates) para uma conversa franca sobre as angústias e os anseios dos jogadores profissionais, dentro e fora de campo

No início de junho, o mundo do futebol viveu dias agitados. Assim que a CBF anunciou o Brasil como sede da Copa América, em substituição à Colômbia (que desistira em decorrência dos protestos contra o governo) e à Argentina (que jogou a toalha por causa do aumento de casos e de mortes provocadas pela pandemia de Covid-19), os jogadores da seleção brasileira ensaiaram não disputar o torneio, incomodados com a decisão açodada. Concentrados em Porto Alegre para o jogo contra o Equador, pelas eliminatórias da Copa de 2022, eles evitaram aparecer para entrevistas. Muita gente se alvoroçou. De um lado, a turma que acha que futebol e política não se misturam. De outro, a óbvia constatação de que a atitude dos craques tinha, claramente, motivações políticas. Longas discussões se seguiram, tentando antecipar o conteúdo do surpreendente protesto.

Como diz o ditado, a montanha pariu um rato. Na semana seguinte, depois de derrotar o Paraguai por 2 a 0 em Assunção, vários atletas publicaram, em suas redes sociais, um manifesto que, resumidamente, não explicava nada. A ameaça de não jogar não se concretizou — "Temos uma missão a cumprir com a histórica camisa verde e amarela pentacampeã do mundo". E, sem citar uma única vez as palavras pandemia, vírus, Covid-19 e mortes, o texto se limitava a uma crítica sem consequência prática alguma: "Estamos insatisfeitos com a condução da Copa América pela Conmebol" e "Somos contra a organização da Copa América, mas nunca diremos não à seleção brasileira". E ficou por isso mesmo. O que poderia culminar em postura histórica, na linha do que fazem os jogadores da NBA e Lewis Hamilton ao gritar contra o racismo, porque vidas negras importam, terminou como nota de pé de página. Ao fim da partida, o resultado: os atletas da canarinho preferiram entrar em campo como se o Brasil andasse em plena normalidade.

Não se trata de exigir de profissionais da bola que subam em palanques — mas é inegável que o esporte e o cotidiano dão as mãos, e apartá-las nem sempre é bom. Nas páginas de PLACAR, a interseção entre futebol e política sempre esteve presente. Em 1970, ano de lançamento da revista, diversas reportagens foram publicadas sobre a interferência da ditadura militar

FALANDO SÉRIO:

Os quatro maiores ídolos do Brasil discutem sua profissão, suas inquietações, seus gritos e suas necessidades.

EXCLUSIVO

Na capa e nas páginas de PLACAR em abril de 1980: o quarteto tratando seriamente do que acontecia nos gramados e nos bastidores

O camisa 9 do Galo: um dos mais habilidosos e inteligentes atacantes de sua geração

RODOLPHO MACHADO

na comissão técnica que se preparava para a Copa do Mundo do México. Mais tarde, houve grande apoio ao movimento Democracia Corinthiana, no início dos anos 1980. E inúmeros craques apareceram nas páginas falando sobre a importância de os atletas se unirem (em sindicatos, por exemplo) e também sobre as grandes questões sociais do país.

Foi assim em abril de 1980, quando os quatro maiores jogadores em atividade nos gramados brasileiros apareceram abraçados na capa de PLACAR, vestidos com a camisa de seus clubes. Falcão, do Inter; Reinaldo, do Atlético-MG; Zico, do Flamengo; e Sócrates, do Corinthians; eram "4 gênios no jogo da verdade". Nas páginas internas, fotografados numa mesa de bar, eles "discutem sua profissão, suas inquietações, seus grilos e suas necessidades". Depois de reclamar da violência em campo, o quarteto começou o debate sobre as condições de trabalho dos atletas. "Nós, brasileiros, ainda precisamos aprender muita coisa em termos profissionais. O problema é a desunião dos jogadores", disparou Sócrates. "Só somos alertados pelos dirigentes para os deveres, sem jamais falar em direitos. É um verdadeiro comando fascista, ou melhor, neofascista", acrescentou Reinaldo. Segundo o atacante do Galo, era um absurdo, já naquela época, o Campeonato Brasileiro ser organizado sem a participação de nenhum boleiro. "Somos apenas notificados das frias decisões de gabinete."

> **"Só somos alertados pelos dirigentes para os deveres, sem jamais falar em direitos. É um verdadeiro comando fascista, ou melhor, neofascista."**
>
> *Reinaldo*

Zico e Falcão seguiram na mesma linha. "Jogador é mercadoria ao bel-prazer do grupo dirigente", afirmou o Galinho de Quintino. "E a rotina de jogos? Não há intervalo racional entre uma partida e outra. O Inter neste mês entra onze vezes em campo, fora o tempo de viagens", completou o eterno camisa 5 colorado. "Servimos como descarga social e sofremos muito com isso. A massa já chega aos estádios com suas frustrações e, ao jogar mal um dia, somos vaiados e xingados. O povão nos vê como esperança de alegria e, se falhamos, isso soa como traição."

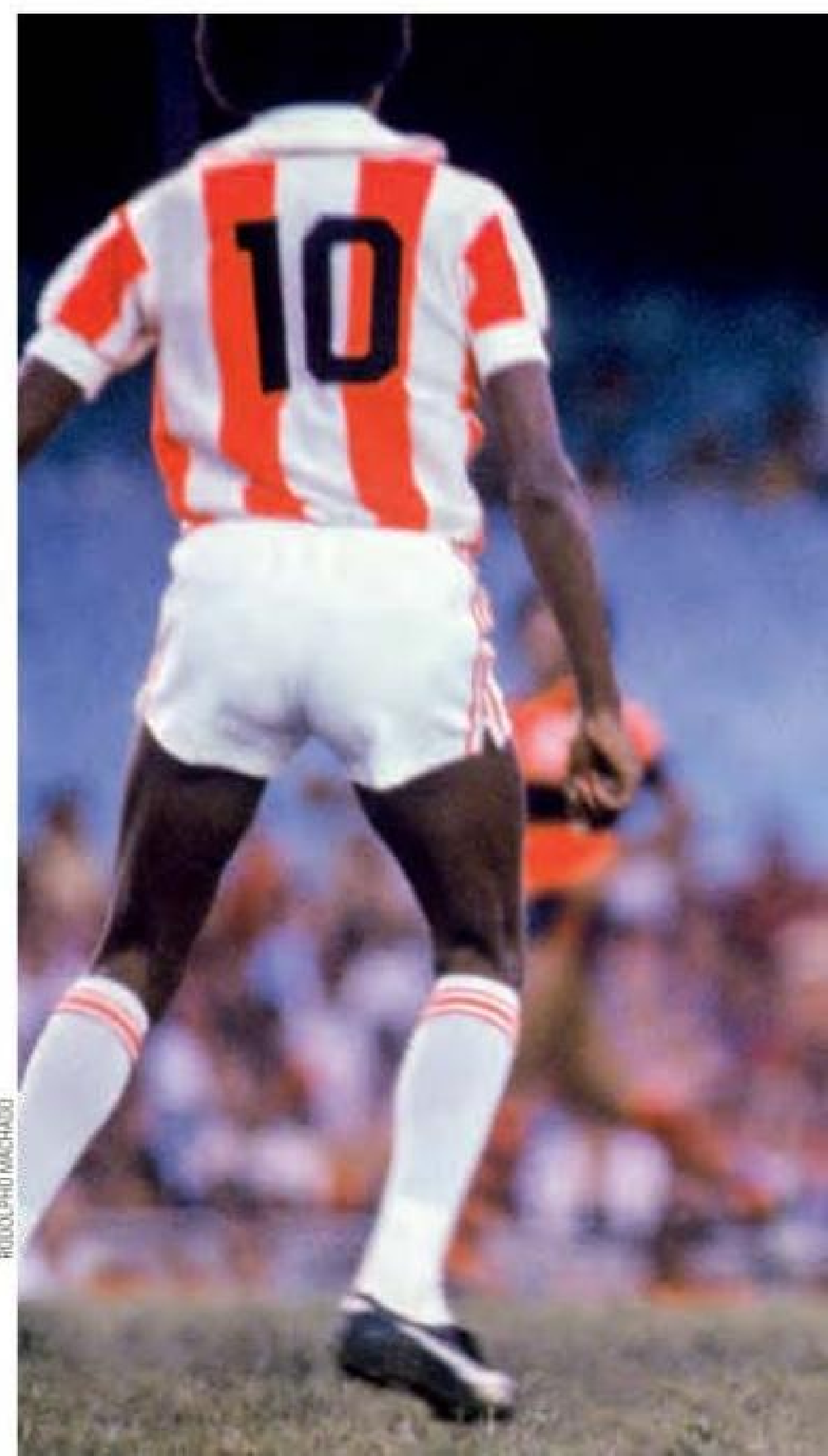
O volante colorado: a elegância inigualável e a clareza de opiniões

NICO ESTEVES

“E a rotina de jogos? Não há intervalo racional entre uma partida e outra.”

Falcão

Nas palavras de Reinaldo, a melhor solução seria “construir um sindicato forte”. O craque atleticano reconhecia, porém, que faltava unidade ao grupo. Zico lembrou de simpósios que ele ajudou a organizar, no Rio e em Porto Alegre, “que tiveram comparecimento quase nulo”. Como destacou Falcão na conversa, diversos pedidos dos atletas já tinham sido levados ao governo federal, “mas na hora H o ministro *(Murilo Macedo)* pega o listão e só negocia cinco pontos”. Ao que Sócrates emendou: “Essa geração tem medo de participar, tem medo da barra dos últimos anos” (a ditadura só terminaria em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves para a Presidência).

A desorganização dos clubes e das federações também entrou na roda. “O futebol precisa se tornar mais sério, os dirigentes que cometem crimes precisam ser presos”, defendeu Zico. Por fim, todos se manifestaram sobre a necessidade de estudar mais, para ser um profissional (e um ser humano) melhor. “O jogador, para os dirigentes, nasceu para ser burro, receber ordens, ser manipulado. Sem estudo, como analisar os direitos?”, questionou o Galinho. “Nosso contrato garante o direito de estudar, ir às aulas, fazer provas — mesmo em dia de treino ou de jogo. Nós quatro fazemos isso e nada acontece. Mas o garoto que está começando não vai à escola

RODOLPHO MACHADO

O Doutor: sem medo de se posicionar sobre qualquer tema

ORLANDO BRITO

“Nós, brasileiros, ainda precisamos aprender muita coisa em termos profissionais. O problema é a desunião dos jogadores.”

Sócrates

por medo de perder a vaga, de ser mandado embora. A direção coage a meninada de todas as formas”, completou Reinaldo.

Eles fazem falta. Dentro de campo, evidentemente, porque eram gênios — mas também fora dele, permanentemente atentos a suas dimensões populares. Entregavam pão e circo, quanto pão, quanto circo, mas sabiam onde estavam e o poder que tinham de iluminar temas cascudos. É sempre complicado enxergar o passado no condicional, mas parece haver uma certeza: a Copa América da pandemia Falcão, Reinaldo, Zico e Sócrates não disputariam. ■

O camisa 10 da Gávea: a voz forte do maior gênio da história do Flamengo

“O jogador, para os dirigentes, nasceu para ser burro, receber ordens, ser manipulado. Sem estudo, como analisar os direitos?”

Zico

A MEMÓRIA NINGUÉM DRIBLA

As imagens raras descobertas pelo pesquisador Antonio Venancio fazem do documentário *Pelé*, da Netflix, um comovente passeio pelo Brasil que saiu da democracia para a ditadura

Fábio Altman

O Rei: quando parecia impossível descobrir novidades, eis que...

EFE

De Luis Buñuel, em *Meu Último Suspiro,* a autobiografia escrita de mãos dadas com Jean-Claude Carrière: "Precisamos começar a perder a memória, ainda que gradativamente, para nos darmos conta de que é essa memória que constitui nossa vida. Uma vida sem memória não seria vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de expressão não seria inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela não somos nada". Memória é a matéria-prima do carioca Antonio Venancio, 58 anos, homem que se habituou a navegar pelos meandros de histórias individuais e coletivas como quem caça no passado pepitas que ajudam a entender o presente e pavimentam o futuro. Venancio é o mais celebrado pesquisador audiovisual do Brasil. Em *Pelé,* o documentário em exibição na Netflix, ele faz as vezes de Coutinho, metaforicamente, é claro. Coutinho foi o centroavante do Santos que, nos anos 1960, fazia as mais espetaculares tabelinhas com o Rei do futebol. Sem Venancio, sublinhe-se, a coleção de extraordinárias imagens exclusivas do filme não viria à luz.

E convém lembrar: poucos personagens brasileiros tiveram a vida mais esmiuçada, em coleções de cinema e televisão, do que Pelé. Era improvável que os 108 minutos dirigidos pelos britânicos David Tryhorn e Ben Nicholas entregassem novidades, tendo como referência obras anteriores — *Isto É Pelé* (1974), de Luiz Carlos Barreto e Eduardo Escorel, e *Pelé Eterno* (2004), de Anibal Massaini Neto. E no entanto há, sim, em *Pelé* descobertas comoventes. Se perdíamos a memória, para voltar a Buñuel, e isso não é de todo ruim, Venancio nos pega para um passeio pretérito de um tempo, o Brasil do fim dos anos 1950, os 1960 e os 1970, que saiu da democracia para a ditadura enquanto ríamos com Pelé.

REYNALDO ZANGRANDI

O pesquisador: o olhar minucioso de quem sabe descobrir tesouros iconográficos

O produtor de *Pelé*, Kevin MacDonald, foi muito bem orientado ao procurar Venancio. O carioca foi o responsável pela arqueologia das excelentes reconstituições de época de *No Intenso Agora* (João Moreira Salles, 2017), olhar íntimo em torno das insurreições de 1968, e *Uma Noite em 67* (Renato Terra e Ricardo Calil, 2010), adesiva caminhada com lenço e documento pelos festivais de música, além de dezenas de outras produções afeitas a tirar ácaro dos armários, como *Democracia em Vertigem* (Petra Costa, 2019). "Grande parte dos melhores documentários brasileiros recentes depende de imagens de arquivo, e grande parte desses filmes depende do trabalho vocacionado, rigoroso e apaixonado do Venancio", diz Calil. "Ele domina os principais acervos do Brasil e do mundo e não descansa até encontrar fontes insuspeitas para materiais raros. O Renato Terra e eu tivemos a sorte de contar com ele como pesquisador. Venancio conseguiu encontrar uma pérola na Cinemateca Brasileira: as imagens da mítica 'passeata contra a guitarra elétrica' — que flagravam Gilberto Gil dois meses antes de apresentar *Domingo no Parque* no Festival da Record de 1967, acompanhado do mutante Sérgio Dias empunhando... uma guitarra."

É o que faz Venancio tão necessário para uma escola de documentário que pressupõe minuciosa garimpagem — e assim foi em *Pelé*. Venancio sabe onde procurar, sabe distinguir o joio do trigo, tem o olhar inteligente de um pesquisador com mais de três décadas de janela. E tem proximidade com o futebol. Em 1997, depois de uma temporada de estudos em Nova York, depois de ter trabalhado no escritório americano da Rede Globo, ele foi convidado pelos irmãos Walter Salles e João Moreira Salles a ajudar na colheita para a série documental *Futebol*, dirigida por João e Arthur Fontes para o canal GNT. O resto é história, e não seria exagero dizer que, se é preciso material iconográfico, chamem o Antonio. Em *Pelé*, ele vasculhou uma dezena de arquivos eletrônicos, já durante a pandemia, para revelar exclusividades — ou, dito de outra forma, para iluminar cenas que a pátina das décadas havia esmaecido. O próprio camisa 10, diante da TV, se espantou: "Nem me lembrava mais".

Na Biblioteca Nacional da Suécia, Venancio encontrou um filme colorido de passagens em Estocolmo e Hindas. Descobriu pertencer a uma família escandinava, finalmente localizada com a ajuda de um amigo a quem conhecera em Nova York. Na Bélgica, achou outros tesouros. Das sobras — insista-se, das sobras! — do documentário *O Torcedor*, de Jean Manzon, de 1966, ele pescou cenas da concentração brasileira antes do embarque para o fracasso da Copa do Mundo disputada na Inglaterra. De nove horas de gravações, selecionou três minutos de intimidades da concentração e assédio dos torcedores jamais vistos. "Pesquisar é um trabalho de paciência, de calma", diz Venancio, com a modéstia de quem navega por onde ninguém navegou.

Ter as imagens recuperadas por Venancio faz de *Pelé* um documentário obrigatório, impregnado de um romantismo em preto e branco e cores em tons pastel inigualáveis. Se a ideia era mostrar as fragilidades e fraquezas por trás do mito, os erros humanos por trás do totem infalível, o olhar histórico de películas recuperadas no fundo das gavetas raras, presta imenso serviço. Termina-se o filme com a nítida sensação de que Pelé nunca foi imodesto ao falar na terceira pessoa do singular, ao dizer que havia o Edson e o Pelé. As pepitas de Venancio dizem isso. Eram dois mesmo. Mostram o craque, os gols, as celebrações públicas — mas também o olhar tímido, quase assustado, de um jovem descoberto pelo mundo antes mesmo de ele poder entender quem era. É como se Venancio dissesse a Pelé: olha aqui o Edson. De Buñuel, para não perder o tom da prosa, com insistência: "Uma vida sem memória não seria vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de expressão não seria inteligência". Em tempo: Venancio só não foi mais longe porque a Cinemateca Brasileira, dona de 80% do material de Pelé no Brasil, vive hoje constrangedora e terrível crise, estrangulada pelo descaso e pela ignorância do governo Bolsonaro. E, nesse caso, nem mesmo um craque como Venancio consegue tirar das sombras as latas de películas que poderiam contar a trajetória de um país que, na definição de Stefan Zweig, seria do futuro e ainda busca encontrá-lo, desesperadamente. Um caminho: beber da nostalgia, driblar o esquecimento, como nos mostra o cuidadoso pesquisador. ■

UMA CAMISA COMO MANIFESTO

Na Euro mais miscigenada de todos os tempos, até mesmo um uniforme, o da Ucrânia, suscitou um conflito geopolítico com a vizinha Rússia. O motivo: um quase imperceptível mapa, com a inclusão da Crimeia

Luiz Felipe Castro

Na Eurocopa mais miscigenada da história (cerca de 15% dos atletas são estrangeiros naturalizados ou filhos de imigrantes) temas como racismo, xenofobia e nacionalismo populista estiveram no centro do debate. Um uniforme causou especial controvérsia entre os cidadãos do Leste Europeu. A Ucrânia jogou o torneio com uma camisa em que seu escudo aparecia contornado pelo mapa do país (ou ao menos as fronteiras geopolíticas consideradas corretas pelo governo).

O ruído: a inclusão, no tal mapa, da Crimeia, território anexado há sete anos pela Rússia debaixo de violento confronto militar. Os russos consideram grave provocação dos vizinhos. Pediram à Uefa que o desenho fosse excluído. Perderam a parada, mas ganharam outra. A entidade mandou retirar do uniforme outro detalhe de cunho político, na parte traseira da gola: um slogan de guerra *(veja no detalhe abaixo)* recuperado pelos ucranianos depois do desmanche da União Soviética e associado ao nazismo.

A batalha pela Crimeia teve um reflexo esportivo ruidoso: o Shakhtar Donetsk, clube mais vencedor da Ucrânia na última década, precisou abandonar seu estádio, na zona bombardeada de Donbas, e se mudar para a capital, Kiev. O time repleto de brasileiros até hoje não retornou à sua sede original. A camisa da seleção na Euro, portanto, botou mais lenha numa fogueira chauvinista que insiste em arder. ■

Roman Yaremchuk: atacante do Gent, da Bélgica

Originalmente, o uniforme levava às costas um slogan nacionalista **("Gloria à Ucrânia! Glória aos heróis!")**. A saudação militar é constantemente associada ao nazismo e, por isso, acabou retirada por ordem da Uefa

O **escudo** da federação ucraniana é cercado pelo formato do **mapa do país.** O motivo da celeuma: o contorno inclui a **Crimeia,** região anexada pela Rússia

A península com acesso ao Mar Negro e uma ponte terrestre para a Rússia foram tomadas pelo governo de Vladimir Putin por meio de um referendo, em março de 2014, após invasão das forças armadas russas e pressão de grupos separatistas. A maior parte da comunidade internacional acompanha o governo ucraniano e não reconhece a decisão

VADIM GHIRDA/EPA/EFE

UM AUGUSTO CRAQUE

Dener, que nasceu na Portuguesa, passou pelo Grêmio e pelo Vasco, era um atacante de futuro promissor, feito mais de dribles do que de gols. Até cruzar com a fatalidade numa curva

MARCELO FERREIRA/SERVIÇO FUNERÁRIO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Cemitério do Araçá (SP): sorriso

Dener Augusto de Sousa era um espanto. Com apenas 11 anos atraía os torcedores para as partidas do time mirim da Portuguesa. Parou de jogar para poder trabalhar e ajudar no sustento da família. Mas era tão bom, tão rápido e tão habilidoso que não haveria como deixá-lo longe dos gramados. Com apenas 1,68 metro e magérrimo, começou a ganhar fama em duas conquistas muito celebradas, ambas pela Lusa: o Paulista sub-20 de 1990 e a Copa São Paulo de 1991. Pelo clube da comunidade portuguesa fez 141 partidas e 24 gols, quase todos espetaculares. Não demorou, é claro, para chamar atenção. Disputou o Brasileirão de 1993 pelo Grêmio, emprestado. Seguiu depois para o Vasco, também cedido temporariamente. Fizera nove jogos pela seleção olímpica e dois com o time principal, entre 1991 e 1992. Aos 23 anos, tinha uma vida pela frente. Era um tremendo craque em formação.

Numa excursão à Argentina, em 1994, foi saudado por Diego Maradona após "comer a bola" contra o Newell's Old Boys. No dia 17 de abril, faria sua última partida como profissional. No empate em 1 a 1 com o Fluminense acabou expulso e, sabendo que estaria fora do confronto no fim de semana seguinte, viajou para São Paulo, de carro. Na noite de domingo para segunda, Dener e um amigo, Otto Gomes Miranda, rumaram de volta para o Rio no Mitsubishi Eclipse branco, placa DNR-0010. O amigo dirigia o veículo quando perdeu a direção e bateu de frente numa árvore às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Eram 5h15 da manhã. O Brasil perdia uma joia. No local, foi colocada uma placa: "Aqui morreu um poeta do futebol", atacante que admitia preferir o drible ao gol.

Seu corpo foi velado no ginásio da Lusa. O féretro foi acompanhado por dezenas de carros. Houve comoção no enterro, no Cemitério do Araçá, um dos mais antigos de São Paulo, localizado na Avenida Doutor Arnaldo (prolongamento da Avenida Paulista). Era a dor pela carreira abortada precocemente. Dener hoje sorri numa placa oval do túmulo 89 da quadra 99. Tendo partido tão cedo, virou lenda do futebol. ■

CESAR LOUREIRO

O atacante: ele impressionou Diego Maradona ao "comer a bola" contra o Newell's Old Boys da Argentina

DESESPERO DO GOLEIRO

O checo Antonín Panenka tirou o fôlego de todo um continente em 1976 ao correr para a bola, na marca do pênalti, e fazê-la subir para descer em parábola. Era o nascimento da cavadinha

E então, como a bola veio alta demais e ele estava de costas para as traves, Leônidas deu um jeito de tocar na pelota como quem pedalasse uma bicicleta de cabeça para baixo. Compridão, um tanto desleixado e de pés proporcionalmente pequenos demais em relação ao corpo, Sócrates inventou de bater de calcanhar para não cair no gramado. A bicicleta, o calcanhar — eis aí duas belezas do futebol, de autorias sempre disputadas, mas pouco importa quem as iniciou. A graça é ter uma jogada especial para chamar de sua. O checo Antonín Panenka tem — e não por acaso, dada a grandeza do que criou, batiza uma das mais criativas e irreverentes revistas de futebol do mundo, a espanhola *Panenka*, irmã mais novinha de PLACAR. Para começo de conversa, o atacante jogava pelo Bohemians Praha 1905, romântico nome de um clube tradicionalíssimo da terra de Franz Kafka, o que faz sua infindável trajetória ainda mais charmosa.

E então, em 20 de junho de 1976, no Estádio Estrela Vermelha de Belgrado, na extinta Iugoslávia de Tito, Checoslováquia e Alemanha Ocidental disputavam a final da Euro. Deu empate no tempo regulamentar, 2 a 2, e a decisão foi para as penalidades máximas. Com o placar favorável aos então comunistas em 4 a 3, era a vez do alemão Uli Hoeness bater. Bateu e perdeu. Panenka e seu bigode, o bigode e Panenka, caminharam para a marca dos 11 metros. Se fizesse, adeus, era o título. Calma e tranquilamente, tendo à frente o espetacular goleiro Sepp Maier, o meia trotou, trotou e, de pé direito, fez a bola subir.

O que veio depois foi lindamente explicado no bacana blog português Planeta Futebol, sempre atento ao que vai além das linhas: "Quando partiu para a bola, Panenka tinha toda a Europa suspensa a olhar para ele. Mesmo assim, o seu bigode escovinha nunca tremeu. Deu sete passos em corrida, chegou junto da bola e, na hora de levantar a chuteira para o remate, reparou que, como quase sempre, Maier já começara a tombar lentamente, antes de a bola partir, para o lado esquerdo, esperando, talvez, um potente disparo como o anterior. Frações de segundo suficientes para, em vez de chutar forte, Panenka meter o bico da bota por baixo da bola e dar-lhe apenas um leve toque que a fez levantar num pequeno chapéu que começou a descer, em folha-seca, mesmo ao passar pela linha do gol, perante o desespero de Maier, uma montanha em forma de guarda-redes que se deixara cair como um castelo de cartas para o lado. Apesar de ser um polvo gigante e estar a centímetros da bola que lhe passava tão devagar a seu lado, era impossível, pela sua posição, conseguir tocá-la. Li-

"O gigante alemão Sepp Maier limitou-se a assistir a como ela, tão mansamente, se aninhava no fundo das redes

mitou-se a assistir, desesperado, a como ela, tão mansamente, se aninhava no fundo das redes. Gol! Enquanto o gigante alemão jazia deitado na relva com as mãos na cabeça, Panenka corria extasiado até ser derrubado e submerso em abraços pelos seus colegas. Era a invenção do mórbido estilo Panenka de marcar pênaltis, algo que, soube-se depois, ele próprio já ensaiara meses antes, pelo Bohemians, em jogos do campeonato checo."

E então, Panenka virou um modo de bater pênalti. Em bom português: inaugurava-se, ali, a cavadinha. A cavadinha que Loco Abreu, na Copa de 2010, na África do Sul, usou na vitória contra Gana, naquela semifinal de sangue, suor e lágrimas. Antonin Panenka está vivo, tem 72 anos. No ano passado, contraiu Covid-19. Chegou a ser internado, esteve em estado grave, mas sobreviveu. E sempre sobreviverá, porque sua vida já não é apenas de carne e osso, virou lenda, virou sinônimo de inventividade. Ele cavou, enfim, um lugar na história do futebol, depois daquele lance inesquecível. ■

TEJE PRESO, SEU JUIZ

O cartão caiu no chão e o "meliante" o guardou até o momento certo de provocar seu "algoz". Nosso fotógrafo estava de olho no lance, em uma cena simultaneamente histórica e engraçada. Coisas do futebol

Gabriel Pillar Grossi

São Paulo, 30 de agosto de 1997. Exatos 8 419 torcedores acompanhavam, no Parque Antártica, a 12ª rodada da Série A do Brasileirão. O Palmeiras, bicampeão em 1993-1994, treinado por Luiz Felipe Scolari, enfrentava o Criciúma, que tinha sido o 21º colocado entre os 24 participantes do torneio do ano anterior. Logo aos três minutos, o zagueiro Fábio abriu o placar para os visitantes. Ainda no início do primeiro tempo, atrás do gol de Jefferson, do time catarinense, o fotógrafo Alexandre Battibugli percebeu uma movimentação estranha.

Adil "devolve" gentilmente o cartão amarelo a Luciano Augusto Almeida: imagem insólita no gramado do velho Parque Antártica

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O atacante Adil corria e, de repente, se voltou para outra direção. Deu outros dois ou três passos, conferiu alguma coisa no chão, pegou-a e guardou no calção.

"Fiquei pensando: o que esse cara achou? Uma carteira, uma corrente?", diverte-se Batti. Sempre atento ao que acontece em campo, o fotógrafo não conseguiu olhar para mais nada e, com sua teleobjetiva, passou a seguir o camisa 9 do Criciúma. "Foi como se o jogo tivesse acabado pra mim, eu só ficava nele."

E assim foi. Batti ficou aproximadamente dez minutos acompanhando Adil de um lado para outro. Até que o atacante se aproximou do juiz da partida. Luciano Augusto Almeida tinha 37 anos e era do quadro da Federação do Distrito Federal. Carioca de nascimento, atuara como goleiro do Taguatinga e, mais tarde, apitaria uma partida de exibição de showbol na única vez em que Diego Maradona jogou em Brasília.

E, debaixo do sol do inverno paulistano, a cena se materializou diante da câmera. Cartão amarelo na mão direita, Adil ergueu o braço no típico gesto dos juízes e "puniu" o árbitro que havia deixado seu objeto de trabalho cair inadvertidamente, é claro. E na velocidade, no profissionalismo, na sorte, no olho e na inteligência de um dos grandes fotógrafos de futebol do Brasil, cria de PLACAR, deu-se o congelamento de um instante único. A lógica se inverteu, é como se o atleta se vingasse de seu "algoz".

"Luciano percebeu o erro que tinha cometido e foi extremamente rápido e ágil para recuperar o cartão que ele nem sequer havia percebido que estava perdido", lembra o fotógrafo. Ao final dos noventa minutos, quatro palmeirenses (os atacantes Euller e Edmilson, o volante Amaral e o zagueiro Cléber) e sete criciumenses (os zagueiros Paulo Baier, Augusto e Biro, os meias Daniel Frasson, Leandro Augusto e Émerson Almeida e o atacante Flávio Guarujá) tinham sido, de fato, punidos com o cartão amarelo fujão, personagem de um dos grandes registros da história de mais de cinquenta anos de PLACAR.

O jogo terminou em 1 a 0 para o Criciúma. Adil se aposentou em 2000, após um grave acidente de carro no interior de Minas Gerais. Chegou a ficar paraplégico, mas com muito esforço e ajuda dos médicos voltou a andar. ■

OS DONOS DA PELOTA

Há 100 anos, a seleção do Uruguai se consagrou como a melhor do mundo. Em Paris, nos Jogos de 1924, foi duplamente olímpica: no gol feito do escanteio e na gloriosa volta ao redor do gramado

Inúmeros times e seleções encantaram o mundo desde que a bola começou a rolar, há mais de 150 anos. Poucos foram tão dominantes quanto o esquadrão que defendeu as cores do Uruguai há um século. Entre 1920 e 1930, os charruas foram campeões dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, e Amsterdã, em 1928. Por isso, a Fifa escolheu o país como sede da primeira Copa do Mundo, em 1930 — e, claro, a taça Jules Rimet ficou com os donos da casa. Antes disso, já havia brilhado em quatro conquistas do Campeonato Sul-Americano (hoje Copa América): 1916, 1917, 1920 e 1923.

Na época, o futebol era amador. Os jovens ganhavam a vida como pedreiros, açougueiros e estivadores, entre outras profissões. Houve grande debate no Parlamento em torno do pagamento da viagem com dinheiro público. O presidente da Associação Uruguaia de Futebol (AUF) hipotecou a própria casa para bancar as passagens no vapor francês Desirade.

A competição tinha dezenove seleções europeias e apenas três forasteiras: Egito, Estados Unidos e Uruguai. Antes da estreia, "espiões" da Iugoslávia foram ver o treino dos sul-americanos, que perceberam a invasão e fizeram muita coisa errada, de propósito. No dia seguinte, o placar foi de 7 a 0. Em seguida, 3 a 0 nos americanos, 5 a 1 na França e 2 a 1 na Holanda, na semifinal. Na decisão, outra vitória fácil: 3 a 0 sobre a Suíça. Era 9 de junho de 1924 e, para saudar os torcedores do estádio Yves-du-Manoir, em Colombes, a noroeste da capital francesa, os craques campeões contornaram todo o campo — inventando a volta olímpica. Por causa da conquista do ouro, o Uruguai, que já jogava com camisas azuis-claras, passou a ser conhecido como a Celeste Olímpica. A Fifa chegou a anunciar que os vencedores seriam considerados campeões mundiais, mas voltou atrás ao promover a primeira Copa. É por isso que o logotipo da AUF tem quatro estrelas douradas.

Em tempo: o estádio de Colombes está sendo renovado para abrigar futebol, rúgbi e hóquei sobre a grama na Olimpíada de 2024, que será disputada em Paris. ■

G.P.G.

O Pelé uruguaio

Num tempo em que os jogadores de seu país eram todos amadores, José Leandro Andrade, filho de um escravo fugido do Brasil e vendedor de jornais nas ruas de Montevidéu, encantou os franceses por sua classe com a bola na disputa do torneio de futebol da Olimpíada de 1924. O time ganhou os cinco jogos e ele foi batizado de "Maravilha Negra". Ganhou também a medalha de ouro em Amsterdã–1928 e o título da primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai, em 1930. É considerado o principal símbolo daquela geração vencedora.

José Leandro de Andrade, a "Maravilha Negra": filho de escravo

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

O time saúda o público no estádio de Colombes: história Celeste

CONMEBOL

KEYSTONE/GETTY IMAGES

Os capitães de 1930 antes da final: confirmação da hegemonia charrua

A primeira Copa do Mundo

Ao vencer a Argentina por 4 a 2, na final da primeira Copa do Mundo, em 1930, o Uruguai conquistou seu terceiro troféu internacional seguido. Com a conquista de 1950, no Maracanã, muitos garantem que o país é tetracampeão. Mas a Fifa deixou de considerar os títulos olímpicos.

REPRODUÇÃO

Em francês: o torneio mundial

Festa na Cidade Luz

Para celebrar o fim da I Guerra, Paris sediou os Jogos Olímpicos de 1924. A competição de futebol foi organizada pela Fifa e anunciada como o primeiro campeonato mundial — mas depois veio a Copa

BILDAGENTUR-ONLINE/GETTY IMAGES

Tanquinhos: os atletas sarados do pôster oficial foram desenhados pelo francês Jean Droit

CESÁREO ONZARI

Gol olímpico: o goleiro uruguaio Andrés Mazzali tentou impedir, mas a bola entrou

Do escanteio direto para a história

Apenas quatro meses depois da conquista da medalha de ouro na França, os campeões uruguaios enfrentaram seu mais tradicional adversário, a Argentina, num amistoso em Buenos Aires. Era o dia 2 de outubro de 1924 e, nesse jogo, o argentino Cesáreo Onzari marcou pela primeira vez um gol diretamente após a cobrança de um escanteio. A International Board, órgão da Fifa que cuida das normas do futebol, havia autorizado essa alteração na regra dois meses antes. O lance imediatamente foi imortalizado como "gol olímpico" — uma espécie de carimbo na faixa.

A GUERRA PACÍFICA

PLACAR publica com exclusividade trechos de um livro com o relato do inesquecível fim de semana do verão de 1976 em que a torcida do Corinthians invadiu as praias do Rio. O jogo contra o Fluminense no Maracanã foi decidido nos pênaltis. O resto é história...

Ricardo Garrido

Sábado, 4 de dezembro de 1976. Já na madrugada de sábado, moradores de Copacabana, Ipanema e Leblon foram acordados pelo espocar de rojões e gritos de "Corinthians! Corinthians!" Os hotéis do centro do Rio já se encontravam totalmente ocupados. Os bairros imediatamente mais procurados após a região central eram Catete, Flamengo e Lapa. Em breve, só restariam a areia das praias da Zona Sul, que, até a hora do almoço, já não podiam ser controladas pelos guardas de trânsito, tamanho o fluxo de carros com placas de São Paulo sendo estacionados no famoso calçadão de pedras portuguesas desenhadas por Burle Marx.

Ao longo de sexta e sábado, 10 000 corintianos desembarcaram no Rio em 45 voos da ponte aérea, e quase 12 000 foram nos ônibus de linha. Esses números continuariam crescendo durante a manhã de domingo, quando chegariam os reforços das caravanas das organizadas e dos aventureiros em seus próprios carros.

Em São Paulo, os jogadores do Corinthians faziam um último treino leve de setenta minutos, acompanhado por torcedores, Vicente Matheus e até pelo governador do estado de São Paulo, que foi cumprimentar o elenco. Depois do treino, jogadores, comissão técnica e dirigentes almoçaram juntos no Parque São Jorge, momento em que conversaram com jornalistas e demonstraram tranquilidade. Sob orientação de Duque, despistavam quando o assunto era a marcação de Rivellino: tanto Givanildo quanto Ruço afirmavam não saber ainda que função desempenhariam em campo, e o técnico dizia que só definiria escalação e marcadores do meia tricolor no vestiário, no dia seguinte.

Ao fim do almoço, subiram a bordo do ônibus Mosqueteiro 1 e partiram para o Aeroporto de Congonhas, onde embarcaram às 14 horas para o Rio de Janeiro no voo 002 da Vasp.

***

O último treino do Fluminense nas Laranjeiras começou às 9 da manhã. Todo o time, exceto Doval, que ficou no vestiário se tratando de uma contusão no tornozelo direito, participou. Assim como o do rival, foi um treino rápido, com um bate-bola animado, seguido de treinamento de chutes e pênaltis. Todos os jogadores treina-

O Diário da Invasão, de Ricardo Garrido, é parte do Timão-Box (timaobox.com.br), serviço de assinatura — uma caixa com relatos históricos e brindes

ACERVO PLACAR

RODOLPHO MACHADO

Multidões: no Maracanã, havia pelo menos 70 000 corintianos. Estima-se que mais de 90 000 torcedores tenham ido de São Paulo ao Rio de avião, de ônibus, de carro particular e bicicleta. Sabe-se que pelo menos um fiel foi a pé, decidido a invadir as praias de Copacabana e Ipanema em nome de uma paixão

RODOLPHO MACHADO

ram pênaltis — pela primeira e única vez naquela semana.

Doval assistiu à parte final do treino, quando respondeu a perguntas dos torcedores, captadas pelo jornal *O Globo:* "A Fiel não é de nada, está acostumada a perder. Até parece que vocês nunca viram um Fla-Flu. A Fiel não tem nem graça, não tem charme para torcer".

Essa arrogância (ou ignorância) em relação à presença corintiana no Rio e no estádio, em particular, era reverberada por parte da imprensa e da torcida cariocas: segundo *O Globo,* a torcida organizada do Fluminense anularia o barulho dos corintianos no Maracanã com uma charanga tocando *Cidade Maravilhosa* para que todo o Maracanã cantasse junto. (Aviso o leitor de que ele não terá mais notícia da charanga neste livro, porque simplesmente ninguém a viu ou ouviu no Maracanã, no dia seguinte.)

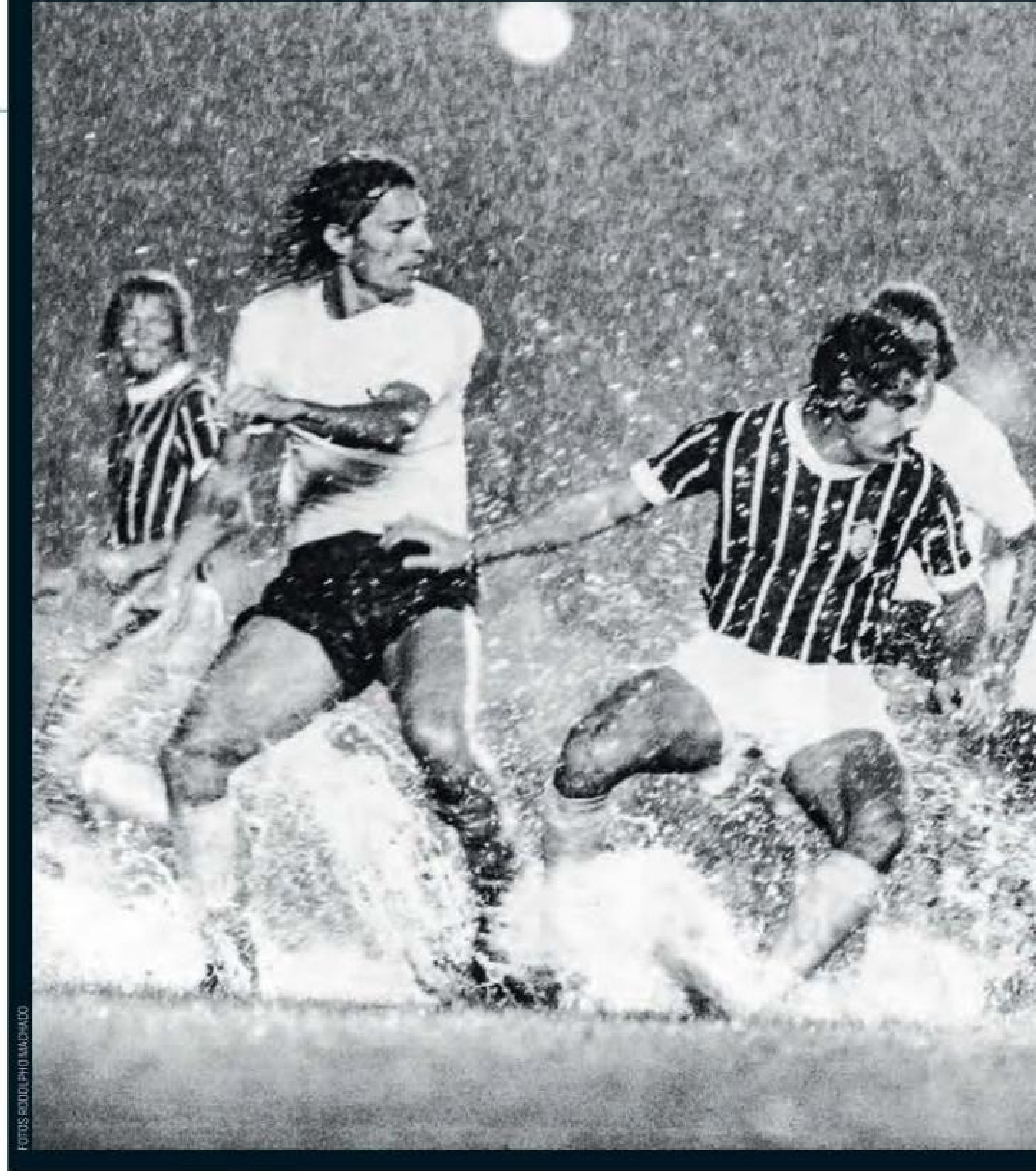
À tarde, a delegação do Fluminense migrou para o imponente Hotel Glória — o primeiro cinco-estrelas do Brasil —, onde faria sua concentração para o jogo.

***

Às 15 horas, o voo com a delegação do Corinthians pousou no Aeroporto do Galeão. Sabendo-se que a Zona Sul estaria intransitável, foi escolhido o Hotel Nacional, em São Conrado, uma maravilha de frente para o mar projetada por Oscar Niemeyer. A enorme piscina trazia as formas curvas características do arquiteto, e era encimada por um jardim suspenso assinado por Burle Marx. Jogadores, comissão técnica e dirigentes ficariam todos em um andar, o 21º, fechado para o time. Na chegada ao hotel, jogadores depararam com uma cena inusitada: os três mastros que, até aquela manhã, ostentavam bandeiras do Brasil e do Rio de Janeiro sofreram um ataque pirata e amanheceram com uma bandeira do Corinthians içada em cada um deles. De acordo com Wladimir, cerca de 500 torcedores cercaram o ônibus e praticamente carregaram os jogadores para dentro do hotel. Os atletas foram orientados a não deixar o andar da delegação até a hora do jantar.

Enquanto os jogadores se recolheram aos seus quartos, a bagunça ganhava contornos épicos no saguão. Não havia mais nenhum controle sobre quem estava hospedado ou não no hotel. A enorme sereia, uma escultura de ferro de Alfredo Ceschiatti, que imponentemente guardava a piscina e vigiava o mar, fora vestida — só da cintura para baixo, preservando respeitosamente o topless concebido pelo artista — com bandeiras alvinegras. O organista da banda do bar chique próximo à área da piscina se recusou a tocar o *Hino do Corinthians* e foi devidamente jogado na água. Rojões e morteiros não paravam de espocar, e o próprio Vicente Matheus teve de descer ao saguão, durante a madrugada, para negociar o silêncio para o sono dos jogadores.

***

Depois de dias buscando ônibus disponíveis por todo o estado de São Paulo, era hora de as caravanas organizadas embarcarem. Em frente à sede da Santa Ifigênia, a partir das 22 horas, quatro líderes da Gaviões da Fiel coordenavam o embarque de um total de 88 ônibus. Cada um era responsável por uma pequena frota de ônibus. Claudio Soares, responsável pela contrata-

FOTOS RODOLPHO MACHADO

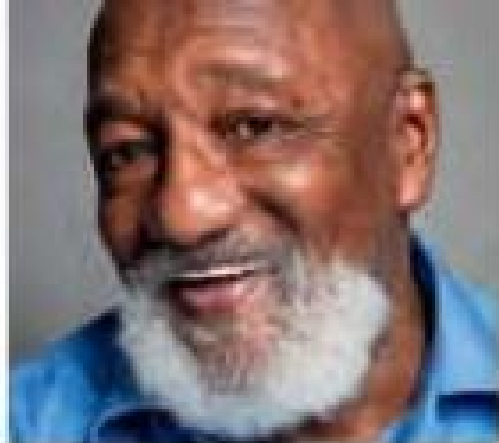
Água pra todo lado: na chuva, Rivellino, o genial craque do Fluminense que deixara o Corinthians, cercado por Moisés e Zé Maria; na piscina do hotel, a bandeira quadriculada como registro de uma jornada eternizada pelas fotos

ção dos ônibus, relembra: "Tivemos que escalonar em quatro ou cinco grupos, porque não tinha como todos os veículos estacionarem ali no centro. E era muita gente. Saía um grupo de cada vez, começando pela meia-noite, e durante a madrugada toda. Colocamos pessoas de confiança para coordenar o embarque dos veículos".

Um dos coordenadores nomeados por Claudio foi Robertinho Daga (futuro presidente da torcida): "A gente se dividia e cada um olhava dez, doze ônibus". Outro futuro presidente, Dentinho, tinha uma missão especial: "Fui um dos últimos a sair de São Paulo. Estava no ônibus das bandeiras, tinha que levar todo o material para o estádio; quando chegamos, os ônibus já estavam estacionados, então tivemos que percorrer a pé quilômetros e quilômetros até o Maracanã".

A Camisa 12 coordenou saídas de locais diversos: 70% dos seus 98 coletivos partiram da Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal; os 30% restantes partiram da Vila Carrão, da Vila Maria e de Guaianazes, na Zona Leste da cidade. Segundo Raul Corrêa da Silva, um dos fundadores da Camisa 12, "a impressão era de que estávamos indo para uma guerra — mas de maneira pacífica. Pegamos a Marginal Tietê rumo à Dutra, que estava congestionada... à meia-noite".

Projeção final de quantos corintianos viajaram ao Rio de Janeiro: somamos 17 000 passageiros de avião; 51 000 no comboio de ônibus; 25 000 motoristas em seus carros; cerca de 500 viajantes entre trens e motos; e ainda alguns aventureiros que encararam a missão de bicicleta, e pelo menos um rapaz de 27 anos, Reinaldo Ribeiro, que colheu autógrafos dos jogadores no Parque São Jorge na quarta-feira e partiu a pé — tendo chegado até Barra Mansa, já no estado do Rio de Janeiro, onde pegou carona com outro torcedor para completar a viagem. E chegamos a mais de 93 000 fiéis que foram ao Rio de Janeiro para ver o Corinthians — contrariando a noção de que foram apenas 70 000, uma estimativa mais próxima de quantos entraram no Maracanã. Muitos viajaram e acabariam não tendo a sorte de conseguir um ingresso para ver o jogo. ■

Trecho de *O Diário da Invasão*, com lançamento previsto para julho

Micale (à esq.), treinador de 2016, e Jardine, o comandante em Tóquio: moldados na mesma fôrma de bolo

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

NOSSO FUTEBOL ESTÁ EMPOEIRADO

Os técnicos brasileiros ficam dando chilique na beira do campo, desconcentrando seus próprios jogadores — e inovação, que é bom, nada

Ah, quase ia me esquecendo do tanto que meus ouvidos doeram ontem ao escutar que tal jogador fez a ligação direta entrando pela diagonal e saindo pela beirinha do campo..."

Começo esta coluna testando a sua memória, amigo de PLACAR. Quem foi o técnico campeão de nosso único título olímpico de futebol? Só estou repassando a pergunta que me fizeram há alguns dias e não soube responder. Rogério Micale é o nome dele. E, olha, que essa conquista é recente, hein! Foi no Rio, em 2016. Depois disso, rodou por Atlético Mineiro, Paraná, Figueirense e não sei por onde anda. Não satisfeitos, me perguntaram quem era o técnico da seleção olímpica atual. Precisei consultar os universitários: André Jardine. Sinceramente, não conheço, mas, vendo o currículo, nota-se que ambos são moldados na mesma fôrma de bolo. Ah, mas o Micale foi campeão! E daí? O que apresentou de inovações, o que verdadeiramente acrescentou ao futebol?

A contratação de Felipão pelo Grêmio e a enxurrada de "professores" estrangeiros comandando clubes brasileiros é a prova incontestável de que não houve renovação de qualidade em nossas comissões técnicas. A verdade é que os treinadores antigos vivem de multas rescisórias e são recontratados para quitá-las, como Hélio dos Anjos, Gilson Kleina, Vagner Mancini, Diego Aguirre, Felipão, Claudinei, Levir Culpi no Japão, Carille na Arábia Saudita e por aí vai. As comissões técnicas dão show de falta de respeito, xingam árbitros e virou rotina jogadores reservas serem punidos com cartão por tumultuarem a partida.

É impossível não comparar com a Eurocopa. A falta de educação é danosa ao futebol. Os técnicos ficam dando chilique na beira do campo, desconcentrando seus próprios jogadores, e inovação, que é bom, nada. Usar três zagueiros virou a grande estratégia. Tudo muito patético! Me respondam quem é o técnico brasileiro que mais tem chamado atenção nos últimos anos? Hoje, talvez o trabalho com mais destaque seja o de Maurício Barbieri, que vem mantendo o Bragantino com um jogo coletivo, sempre em boas colocações e com atuações seguras e agradáveis de ver.

Os outros de que gosto são Fernando Diniz e Roger, que não chegam a ser da nova geração. Rogério Ceni ia bem no Fortaleza, mas no Flamengo, mesmo com toda a estrutura, não convenceu e caiu. E se o nível dos técnicos é baixíssimo, como esperar um futebol de qualidade? Nosso futebol está contaminado, corroído, entregue às baratas, tomado por teias de aranha. Nosso futebol está empoeirado, sendo usado como cenário de filmes de terror. E, em vez de renovação, resgatamos Felipão! É, eu devo estar precisando de férias! Meu querido editor, fui!!! Ah, quase ia me esquecendo do tanto que meus ouvidos doeram ontem ao escutar que tal jogador fez a ligação direta entrando pela diagonal e saindo pela beirinha do campo... ■